

**UM OLHAR PARA A ESCOLA DE CAMPO:
EMEF LEOPOLDO GUILHERME EWERLING**



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

JOSIANE ZIMMER

UM OLHAR PARA A ESCOLA DE CAMPO:
EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling

São Leopoldo
2020

JOSIANE ZIMMER

**UM OLHAR PARA A ESCOLA DE CAMPO:
EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientadora: Prof^a Ms Regina Urmersbach

São Leopoldo

2020

Dedico esse trabalho, primeiramente, a Deus, pois sem ele esse sonho não seria possível e, aos meus pais, meus incentivadores e apoiadores incondicionais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois sem ele esse sonho não seria concretizado.

Aos meus pais, Suzana e Paulo, que sempre me apoiaram e incentivaram, tanto emocionalmente, como financeiramente. Sem eles nada disso seria possível.

Às minhas irmãs, Joice e Josiele e meu cunhado Fábio, por todo incentivo e apoio.

Ao meu namorado Ivar, que teve paciência e compreensão, não me deixou desistir durante a graduação, foi meu ombro amigo, mostrou-me que todo o sacrifício no final valeria a pena.

À minha querida, amada amiga e colega Alana, que dividiu grande parte dessa graduação comigo, onde juntas evoluímos e nos tornamos melhores a cada semestre. Essa conquista é nossa.

Aos docentes que sempre ensinaram e compartilharam os seus saberes, construindo, assim, a pessoa que sou hoje, tanto profissionalmente, como também pessoalmente.

Em especial à minha querida orientadora Regina Urmersbach, que me guiou da melhor forma, mostrando-me as melhores maneiras para chegar ao meu propósito final. Também soube me acalmar com palavras tranquilas e doces nos momentos de ansiedade e angústia.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, instituição tão amada e querida que me forneceu ótimas oportunidades e mestres altamente capacitados para me tornar a docente que quero continuando. Tenho orgulho de ter estudado nessa universidade.

Às escolas de Educação Infantil nas quais realizei o meu estágio não obrigatório, EMEI Sonho Meu, EMEI Ursinho Carinhoso e EMEI Gente Miúda, as quais contribuíram muito para o meu aprendizado e crescimento profissional.

À escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, que foi alvo da minha pesquisa, como também a atual diretora Marlice Frohlich e a ex-professora da escola Maristela Roos, sempre atenciosas e dispostas a colaborar com meu Trabalho de Conclusão, transformando esse momento mais prazeroso e agradável.

A todas as pessoas que de alguma forma ou outra contribuíram para que esse momento fosse possível, meu muito obrigada.

“A educação é a arma mais poderosa
que você pode usar para mudar o
mundo.”

Nelson Mandela

RESUMO

Meu Trabalho de Conclusão tem como objetivo constatar e compreender como era o andamento da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, entre os anos de 1950 a 2020. Da mesma forma, busco resgatar as memórias da escola situada no município de São José do Hortêncio, RS. A metodologia dessa pesquisa caracteriza-se por ser uma abordagem qualitativa descritiva. A coleta de dados aconteceu na sua maioria na própria escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerlin, como também por meio de entrevistas com sete ex-alunos e através de questionários que foram enviados por e-mail e/ou whatsapp, com sete ex-professores, entre as décadas de 1950 a 2010. Assim, os autores que contribuíram para embasar o conceito “Escola de Campo” foram Leila Maria Panho (2017), Patrícia Santos e Janaina Vinha (2018), Janisse Viero e Liziany Müller Medeiros (2018). Para conceituar “memória”, os autores utilizados foram: Saionara Goulart Dalpiaz (2005) e Andréa Maria Klein Flores (2016). Para facilitar a compreensão de como era o andamento da escola entre as sete décadas, defini seis categorias para ajudar nesse entendimento. São elas: “A escola surge como uma necessidade para a comunidade”; “Educação diferenciada que vá ao encontro das necessidades e da realidade dos educandos”; “A escola deve ser de fácil acesso para os educandos”; “Escola engajada com assuntos da comunidade”; “Relação professor e aluno” e, por fim, “Relação família e escola”. Conclui-se, assim, que os sujeitos participantes da minha pesquisa contribuíram para o desenvolvimento e crescimento da escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, como também para o município de São José do Hortêncio, onde a mesma está situada. Assim, também, vemos que a escola pode ser sim denominada de “Escola de Campo”, pois respeita às principais características encontradas em uma escola denominada do campo.

Palavras-chave: Categorias. Educação de Campo. Escola. Memórias.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de São José do Hortêncio, RS	33
Figura 2 - Correspondência de Maria Wally Ewerling/Transcrição da correspondência	36
Figura 3 - Salão de baile.....	36
Figura 4 - Primeiro prédio da escola.....	37
Figura 5 - Inauguração do atual prédio da escola.....	39
Figura 6 - Escovódromo e banheiros exclusivos para alunos.....	41
Figura 7 - Pracinha	41
Figura 8 - Quadra coberta	42
Figura 9 - Casinha da escola.....	42
Figura 10 - Refeitório, direção e as duas salas de aula.....	43
Figura 11 - Fachada e lateral da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.....	44
Figura 12 - Edvino Kuhn, 71 anos. Estudou na escola de 1956 a 1960.....	72
Figura 13 - Jorge Koch, 64 anos, estudou na escola 1966 e 1967	73
Figura 14 - Suzana Dália Koch Zimmer, 54 anos, estudou na escola de 1973 a 1978	74
Figura 15 - Gelson Ehrart, 44 anos, estudou na escola de 1983 a 1988	75
Figura 16 - Juliana Koch, 34 anos, estudou na escola de 1993 a 1997	76
Figura 17 - Ivan César Roos, 21 anos, estudou na escola de 2007 a 2009.....	77
Figura 18 - Nicolý Karling Koch, 13 anos, estudou na escola de 2013 a 2015	77
Figura 19 - Maria Wally Ewerling. Lecionou de 1952 a 1969	78
Figura 20 - Amanda Eronita Wecker, 84 anos. Lecionou de 1964 a 1970.....	78
Figura 21 - Ênio da Silva Bueno, 62 anos. Lecionou de 1972 a 1980.....	79
Figura 22 - Noeli Laci Bender Puhl, 69 anos. Lecionou de 1984 a 1994	80
Figura 23 - Maristela Henzel Roos, 45 anos. Lecionou de 1996 a 2003.....	81
Figura 24 - Lidiane Fagundes, 44 anos. Leciona de 2004 até o momento presente	82
Figura 25 - Michelle Leite, 38 anos. Leciona de 2013 até o momento presente.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Nomenclaturas da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.....	38
Quadro 2 - Diretores que atuaram na escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling .	39
Quadro 3 - Ex-alunos e ex-professores da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling	45
Quadro 4 - Você sabe como e por que a escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling surgiu?	47
Quadro 5 - Como eram as aulas? O aprendizado foi marcante na sua vida?.....	50
Quadro 6 - Qual didática utilizava para a aprendizagem dos alunos? Acredita que ela funcionava para o aprendizado de ambos?.....	53
Quadro 7 - Era fácil chegar à EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling?.....	58
Quadro 8 - Como era o papel da escola na comunidade?	62
Quadro 9 - Como acontecia a relação professor e aluno?	65
Quadro 10 - Como acontecia a relação da família com a escola?	69

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CONSED	Conselho dos Secretários Estaduais de Educação
CONTAG	Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EPI	Equipamento de Proteção Individual
FETRAF	Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores
PRONACAMPO	Programa Nacional de Educação do Campo
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
RESAB	Rede de Educação do Semi-Árido Brasileiro
RS	Rio Grande do Sul
SMEC	Secretária Municipal de Educação e Cultura
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNB	Universidade de Brasília
UNDIME	União dos Dirigentes Municipais de Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ESTADO DA ARTE: ESCOLA DE CAMPO	14
2.1 PRIMEIRO DOCUMENTO	14
2.2 SEGUNDO DOCUMENTO	15
2.3 TERCEIRO DOCUMENTO.....	15
2.3.1 Unidade 1: “A história da Educação do Campo	16
2.3.2 Unidade 2: Movimentos Sociais e a Educação do Campo	16
2.3.3 Unidade 3: Concepção de Educação no Campo	16
2.3.4 Unidade 4: Educação do Campo e a Prática Pedagógica da Alternância .	17
2.3.5 Unidade 5: Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo	17
2.3.6 Unidade 6: Educação do Campo e a Docência nos Espaços Rurais	18
2.4 QUARTO DOCUMENTO	18
2.5 QUINTO DOCUMENTO	19
3 A EDUCAÇÃO NO CAMPO: LEIS E MEMÓRIAS	20
3.1 UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	20
3.2 PROGRAMAS E LEIS QUE NORTEIAM A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	21
3.2.1 PRONACAMPO	21
3.2.2 PRONERA	22
3.2.3 Diretrizes e Bases da Educação do Campo	23
3.3 A IMPORTÂNCIA DAS MEMÓRIAS EM NOSSA VIDA	25
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
4.1 MÉTODO DE PESQUISA	26
4.2 COLETA DE DOCUMENTOS	27
4.3 ESCOLA DE CAMPO: CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	29
4.3.1 A Escola surge como uma necessidade para a comunidade	29
4.3.2 Educação diferenciada que vá ao encontro das necessidades e da realidade dos educandos	29
4.3.3 A escola deve ser de fácil acesso para os educandos	30
4.3.4 Escola engajada com assuntos da comunidade	30
4.3.5 Relação professor e aluno	31
4.3.6 Relação família e escola	31

5 APRESENTANDO A “EMEF LEOPOLDO GUILHERME EWERLING”	33
5.1 LOCALIZAÇÃO.....	33
5.2 HISTÓRIA DO MUNICÍPIO E ESCOLAS QUE COMPÕEM A REDE DE ENSINO	34
5.3 SUJEITOS QUE CONSTITUEM ESSA COMUNIDADE.....	35
5.4 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA EMEF LEOPOLDO GUILHERME EWERLING .	35
6 OS OLHARES E AS VIVÊNCIAS: EX-PROFESSORES E EX-ALUNOS	45
6.1 SUJEITOS DA PESQUISA	45
6.1.1 Categoria 1: A escola surge como uma necessidade para a comunidade.	46
6.1.2 Categoria 2: Educação diferenciada que vá ao encontro das necessidades e da realidade dos educandos	50
6.1.3 Categoria 3: A escola deve ser de fácil acesso para os educandos	58
6.1.4 Categoria 4: Escola engajada com assuntos da comunidade	61
6.1.5 Categoria 5: Relação professor e aluno	65
6.1.6 Categoria 6: Relação família e escola	68
6.2 MEMÓRIAS E GALERIA DOS ENTREVISTADOS	71
6.2.1 Ex-alunos da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling	72
6.2.2 Ex-professores da EMEF Leopoldo Guiherme Ewerling.....	78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM OS EX ALUNOS DA EMEF LEOPOLDO GUILHERME EWERLING	91
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM OS EX PROFESSORES DA EMEF LEOPOLDO GUILHERME EWERLING	93
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA	95
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	96
ANEXO C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO	97

1 INTRODUÇÃO

Meu Trabalho de Conclusão tem como objetivo constatar e compreender como era o andamento da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, entre os anos de 1950 a 2020. Pretende, também, resgatar as memórias da escola situada no município de São José do Hortêncio, RS. Nessa escola realizei minhas observações para a atividade acadêmica de Estágio I dos anos iniciais, como também realizei minha prática na atividade acadêmica de Estágio II dos anos iniciais.

Desde o início da realização do meu estágio¹ me encantei com a pequena e aconchegante escola situada no município de São José do Hortêncio, no bairro Campestre, RS. Meu estágio foi produtivo, aprendi muito e, acima de tudo, fui bem recebida por toda a comunidade escolar. Uma das falas que chamou a minha atenção foi a fala das professoras que diziam que gostavam muito de trabalhar naquele ambiente e não pensavam em voltar a trabalhar em outras escolas, onde muitas já haviam trabalhado. Dessa forma, pensei em escrever sobre a escola, contar a sua história e com isso, também, problematizar o termo “Escola de Campo”, a qual ela é conhecida por todos da comunidade.

Quero salientar que iniciei minha pesquisa na escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, onde conversei² com a diretora Marlice Frohlich e a professora Lidiane Fagundes, ambas foram bem receptivas e me acolherem muito bem, esclarecendo algumas dúvidas que estavam pendentes sobre o início do meu trabalho.

O que também motivou minha pesquisa foi o fato de poder reunir memórias e fatos antigos que, para a história do município e da escola, são muito ricas. Resgatar memórias é algo tão encantador que ouvindo as lembranças e histórias de outras pessoas podemos aprender e entender o modo de como determinada situação foi vivida e vista por aquela pessoa. Dessa forma, as memórias podem ser individuais, como também coletivas. Assim, segundo Montero e Montero (2015, p. 5): “Resgatar (e preservar) a memória, não é apenas resgatar aquilo que já passou, mas também é compreender as diferenças e reconhecer os limites; é entender-se enquanto indivíduo integrado a um todo, enquanto sujeito de direitos e deveres [...]”.

¹ Estágio obrigatório dos anos iniciais, realizado no primeiro semestre de 2019.

² A conversa foi realizada no dia 16 de março.

Visto isso, quero descobrir como era a educação e o funcionamento da escola na época em que os sujeitos estudavam/ lecionavam. Para isso, realizei um questionário com os ex-professores participantes, como também uma entrevista com os ex-alunos, um de cada década. A metodologia dessa pesquisa caracteriza-se por ser uma abordagem qualitativa descritiva. Por isso, decidi entrevistar os sujeitos através das décadas, desde o ano da fundação da escola, em 1952, até o presente ano de 2020, abrangendo, assim, as décadas de 50, 60, 70, 80, 90, 2000 e 2010. Os sujeitos foram organizados em dois grupos: o grupo de ex-alunos, com os quais realizei a entrevista presencialmente³, e o grupo dos ex-professores, com os quais realizei um questionário. Ambos estão no apêndice A e B.

O trabalho aconteceu em algumas etapas: a primeira consistiu na investigação. Nessa etapa, fui à busca das informações necessárias para fundamentar o meu trabalho. Após coletar todos os dados necessários, iniciei a parte da escrita e da elaboração das perguntas para realizar com os sujeitos da minha pesquisa. Por fim, foi feita a análise de todas as informações recolhidas, com o intuito de basear e concluir o meu trabalho.

Dessa forma, decidi dividir o presente Trabalho em sete capítulos: o primeiro capítulo é a “introdução”, em que apresento um pouco essa pesquisa. O segundo é intitulado como “Estado da Arte: Escola de Campo”, onde apresento trabalhos e escritas sobre o meu tema de investigação. Os mesmos serviram para embasar e compreender melhor o termo “Escola de Campo” e o termo “Memórias”. O terceiro “A Educação no Campo: Leis e Memórias”. Nesse capítulo, trago legislações sobre a educação no campo com o intuito de esclarecer o que o mesmo abrange e de que forma ele passou a ser reconhecido e pensado pela educação brasileira, do mesmo modo mostrarei um pouco sobre a importância das memórias e os significados que as mesmas trazem para as pessoas. No quarto capítulo, “Procedimentos Metodológicos”, apresento e descrevo a metodologia definida para a realização da pesquisa proposta, como também a forma que aconteceu a coleta dos dados. Também, nesse capítulo, falo sobre as seis categorias escolhidas, levando em conta as principais características de uma Escola de Campo, essas me ajudaram a elaborar perguntas que me ampararam no resultado final do meu trabalho de pesquisa. No quinto capítulo denominado, “Apresentando a EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling”, mostro a

³ Respeitando todos os cuidados necessários, fazendo o uso de EPIs.

localização e a contextualização da escola, como também trago as histórias e as memórias da escola, onde o material coletado na sua maioria foi na própria escola. No sexto capítulo “Os olhares e as vivências: Ex-professores e ex-alunos”, mostro as entrevistas, como elas foram executadas, as respostas dos participantes da minha pesquisa e também a análise das respostas trazidas pelos sujeitos. Ainda, nesse capítulo, apresento a última pergunta dos entrevistados, como também uma galeria dos sujeitos participantes dessa pesquisa. No último capítulo, “Considerações Finais”, discorro um pouco sobre a minha visão final sobre tudo o que foi visto ao decorrer do trabalho.

2 ESTADO DA ARTE: ESCOLA DE CAMPO

Começo esse capítulo trazendo alguns trabalhos e escritas sobre o meu tema de investigação os quais serviram para embasar e compreender melhor o termo “Escola de Campo” e também o termo “Memórias”. O estudo foi realizado a partir de pesquisas em diferentes meios, utilizando como palavras-chave: “Educação do/no campo”, “História” e “Memória”. Comecei a pesquisa com a Revista Científica Semana Acadêmica; após, passei para a pesquisa no VIII Simpósio sobre Reforma Agrária e Questões Rurais, para o Repositório Digital da Universidade Federal de Santa Maria, para a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e por Dissertações e, por último, nos acervos da Unisinos. Assim, foram escolhidos os documentos que mais se aproximaram do meu tema de estudo.

Ao total, nesse capítulo, veremos cinco documentos; e o terceiro documento ainda se divide em seis outras unidades.

2.1 Primeiro documento

O primeiro documento é um artigo denominado “Educação do campo: Algumas reflexões a partir do olhar geográfico”, da autora Leila Maria Panho (2017), foi retirado da Revista Científica Semana Acadêmica. O artigo aborda a história da Educação do campo e o principal objetivo do trabalho

consiste em compreender algumas reflexões acerca da Educação do Campo a partir do olhar geográfico. A construção do artigo se justifica diante da necessidade que temos em construir cada vez mais profissionais capacitados para atuar nas escolas do campo. (PANHO, 2017, p.1).

A autora que baseou a pesquisa de Leila foi a Roseli Salete Caldart (2009), com o trabalho “Educação do Campo: notas para uma análise de percurso”. E a maior parte do artigo é fundamentado pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), como também pelas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo do Estado do Paraná. A metodologia foi realizada a partir de pesquisas bibliográficas e documentais, além de discussões praticadas em sala de aula.

Segundo Panho (2017, p.6) “[...], a relação ensino-aprendizagem atenta às necessidades dos agricultores familiares, camponeses, trabalhadores, assentados, enfim, todos os que vivem e desenvolvem alguma atividade no campo”.

2.2 Segundo documento

O artigo seguinte é denominado de “Educação do/no campo: Uma reflexão da trajetória da Educação Brasileira”, das autoras Patrícia Santos e Janaina Francisca de Souza Campos Vinha (2018). O trabalho foi retirado do VIII Simpósio sobre Reforma Agrária e Questões Rurais. O objetivo do estudo busca trazer reflexões prévias a respeito dos retrocessos que envolvem a educação do campo. Os autores se embasaram em: Paulo Ricardo Bavaresco (2014), Vanessa Daiane Rauber (2014), Ivana Leila Carvalho Fernandes (2012), Ernandes Marinho (2008), Monica Castagna Molina (2015).

Segundo Santos e Vinha, (2018, p.1),

o estudo parte de um levantamento bibliográfico que realiza uma contextualização histórica da educação do campo no Brasil, indica alguns apontamentos da educação do/no campo brasileiro e debate as políticas que garantem ou prejudicam a continuidade desse projeto no país.

Acredito, assim, que a partir de todas essas contextualizações, a nomenclatura Escola de Campo começa a ficar mais clara, onde podemos entender o que ela compreende e caracteriza. Assim como traz o artigo, o povo do campo enfrentou várias lutas para ser conhecido e valorizado dessa forma, mas creio que a luta ainda continua, pois, como sabemos, há muito que avançar na educação e valorização do campo.

2.3 Terceiro documento

O próximo estudo é denominado de “Princípios e Concepções da Educação do Campo”, das autoras Janisse Viero e Liziany Müller Medeiros (2018). Essa produção foi retirada do Manancial. A metodologia do trabalho ocorreu de forma explicativa. Ele foi dividido em seis unidades, onde vou apresentar cada um deles abaixo.

2.3.1 Unidade 1: “A história da Educação do Campo

O objetivo dessa unidade é o de “entender como se desenvolveu a educação rural no Brasil; perceber a importância dos Movimentos operário-sociais os quais se organizaram a partir da década de 30 em prol da educação e das lutas por seus direitos, formando a base e o alicerce para o que entendemos hoje por Educação do campo”, Viero e Medeiros (2018, p.12). Os autores que embasaram o estudo foram: Bernardo Mançano Fernandes (2012) e Christiane Senhorinha Soares Campos Conceição Paludo (2001).

Em oposição à situação de descaso com a Educação no Campo, surgiram muitas iniciativas de movimentos sociais, sindicais e populares, onde, a partir dessas, foram criadas muitas experiências educativas de pensamento acerca da realidade e dos interesses dos povos do campo.

2.3.2 Unidade 2: Movimentos Sociais e a Educação do Campo

Essa unidade tem por objetivo discutir os aspectos teóricos dos movimentos sociais e refletir sobre o início dos mesmos. Os autores que embasaram essa unidade foram: Maria da Gloria Gohn (2000), Christiane Senhorinha Soares Campos Conceição Paludo (2001) e Stuart Hall (2005).

Ao final dessa unidade, foram conhecidos os significados dos movimentos sociais, assim como os movimentos que mais se desenvolveram no Brasil, como também foram apresentadas circunstâncias que levaram à luta dos movimentos pela Educação do Campo.

2.3.3 Unidade 3: Concepção de Educação no Campo

O objetivo dessa unidade busca compreender a importância da concepção de Educação do Campo, a qual fundamenta a luta pela educação para os povos do campo. Os autores que contribuíram para essa unidade foram: Roseli Salete Caldart (2012), Isabel Brasil Pereira (2012), Paulo Alentejano (2012) e Gaudêncio Frigotto (2012).

Por fim, a Educação do Campo entende que a relação cidade-campo, segundo Viero e Medeiros (2018, p.89), ‘é um processo de interdependência, que possui

contradições profundas e que, portanto, a busca de soluções para suas questões deve acontecer por meio da organização dos movimentos sócio territoriais desses dois espaços.”

2.3.4 Unidade 4: Educação do Campo e a Prática Pedagógica da Alternância

Segundo Viero e Medeiros (2018, p.93), “esta unidade tem como objetivo compreender a relevância da Pedagogia da Alternância no processo educativo e na consolidação da educação no/do campo”. Os autores que fundamentaram esse estudo foram: Jean-Claude Gimonet (2007), Marlene Ribeiro (2008) e José Novais de Jesus (2011).

A formação por alternância busca o reconhecimento da importância do concreto e da realidade. Dessa forma, pede por um processo pedagógico de aprendizagem que possa considerar as práticas pedagógicas e educativas e assim validar a identidade dos sujeitos do campo. Essa ideia fortalece a relevância de ter uma prática educativa pensada exclusivamente para esses sujeitos, de tal forma que suas necessidades sejam contempladas, tornando assim a sua aprendizagem significativa.

2.3.5 Unidade 5: Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo

Essa unidade aborda as diretrizes operacionais da Educação básica do campo, olhando com perspectiva às leis que as regulamentam. Os autores que contribuíram para essa unidade foram: Roseli Salette Caldart (2012), Isabel Brasil Pereira (2012), Paulo Alentejano (2012), Gaudêncio Frigotto (2012), Maria Antônia de Souza (2012), Gilvan dos Santos Souza (2017), Arlete Ramos dos Santos (2017) e Geovani de Jesus Silva (2017). Também grande parte foi embasada pelas Diretrizes Complementares normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo.

Na unidade 5, vamos percebendo que o campo vem atravessando um processo de mudança educacional no contexto histórico e que os sujeitos, envolvidos no processo, são construção do desenvolvimento educacional.

2.3.6 Unidade 6: Educação do Campo e à Docência nos Espaços Rurais

Segundo Viero e Medeiros (2018, p.145), “esta unidade tem como objetivo dar subsídios teóricos e metodológicos para os futuros educadores, a fim de construir alternativas e elaborar propostas pedagógicas para uma escola do campo cidadã”.

Os autores que contribuíram para essa unidade foram: Roseli Salette Caldart (2012), Isabel Brasil Pereira (2012), Paulo Alentejano (2012), Gaudêncio Frigotto (2012), Mônica Castagna Molina (2014), Márcio Ferreira (2014) e Gesiane Líbero da Silva (2015).

Nessa última unidade, pudemos ver que a Escola de Campo prioriza uma educação capaz de executar aprendizagem de teorias e práticas que possam ajudar na concepção de novos sujeitos, de uma nova escola e de uma nova sociedade.

Dessa forma, “uma escola que se transforma em ferramenta de luta para a conquista de seus direitos como cidadãos e que forma os próprios camponeses como os protagonistas dessas lutas e intelectuais orgânicos da classe trabalhadora”, (VIERO; MEDEIROS, 2018, p.158).

2.4 Quarto documento

Esse documento foi retirado da BDTD⁴ e fala sobre as memórias e o seu papel para recompor tempos e espaços na Educação.

Essa dissertação, denominada “Memórias de ex-alunos/as: Recompondo Tempos e Espaços da Educação”, da autora Saionara Goulart Dalpiaz (2005), tem como objetivo entender como as memórias de ex-alunos/as do Casarão⁵, entre os anos de 1940 a 1970, recompõem tempos e espaços de distintas experiências escolares. Autores como Maurice Halbwachs (2001), Gaston Bachelard (1996), Walter Benjamin (1994), Alistair Thomson (1997) e Ecléa Bosi (2003) embasaram o estudo.

A metodologia ocorreu a partir de documentos variados, como também por histórias orais a partir de entrevistas individuais e coletivas, e por fim com o desenvolvimento de um diário de campo.

Para a autora Dalpiaz (2005, p.11), “a investigação identificou memórias de distintas experiências escolares, que possuem em comum o Casarão, espaço que

⁴ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

⁵ Colégio Militar de Porto Alegre.

reside nas lembranças e lhe atribuem diferentes significados simbólicos e afetivos”. Também passou a ser referência para a comunidade do Passo do Vigário, tanto por sua materialidade, como por sua grandiosidade.

2.5 Quinto documento

O próximo documento foi retirado dos acervos da Unisinos, chamado de “Memória e identidade da comunidade do passo da Taquara: Tudo passa pela escola”, da autora e ex-aluna de Pedagogia, pelo Curso do Parfor da Unisinos, Andréa Maria Klein Flores (2016).

O principal objetivo da pesquisa é investigar o que pensam os moradores em relação à escola, como também quais as memórias que eles trazem para que assim possam contribuir para sua memória coletiva. No decorrer do trabalho acadêmico, ela também traz várias citações de autores sobre a concepção de “Escola de Campo”, ambos abordam a visão sobre o conceito, podendo assim ampliar a sua definição e caracterização. Os autores citados são: Jordi Ribas Vilas (1992), Miguel Arroyo (2001), Roseli Salete Caldart (2004), Bernardo mançano Fernandes (2005) e Maria do Socorro Silva (2004).

A metodologia realizada é de natureza qualitativa, onde o método de pesquisa foi feito pela forma documental, a partir de documentos da própria E.M.E.F. Professor Delfino Fellipsen de Moraes. Também foram realizadas entrevistas com ex-alunos e ex-professores, referentes a cada década, entre 1965 a 2015.

O Trabalho de Conclusão da Andréia aproxima-se bastante do que pretendo seguir no meu. Ela traz entrevistas com ex-alunos e ex-professores para assim responder aos seus objetivos, como também resgatar as memórias individuais e coletivas da comunidade. Essas concepções ajudarão a responder algumas das minhas dúvidas e pretendo seguir essa mesma metodologia.

No próximo capítulo, trago um pouco sobre a fundamentação teórica, discorro sobre a história da Educação do Campo, sobre os programas e leis que norteiam esses sujeitos, como também sobre as diretrizes que abrangem essas escolas. Por fim, pontuo também a importância das memórias nas nossas vidas.

3 A EDUCAÇÃO NO CAMPO: LEIS E MEMÓRIAS

Neste capítulo, trago legislações sobre a educação no campo, com o intuito de esclarecer o que as mesmas abrangem e de que forma elas passaram a ser reconhecidas e pensadas pela educação brasileira. Apresento, também, um pouco da história, como também leis e programas que sustentam os direitos e deveres de uma escola do campo. Do mesmo modo, mostro um pouco sobre a importância das memórias e os significados que as mesmas trazem para as pessoas.

3.1 Um pouco sobre a história da Educação do Campo

A educação do campo se diferencia principalmente por ser composta por povos excluídos da sociedade, população que, por muitos anos, sofreu com os descasos e a falta de oportunidades. A educação era prioridade para a elite. Os povos do campo não tinham direito ao estudo, até porque precisavam trabalhar e, para isso, não era necessário saber ler e escrever.

Por muitos anos, a educação do campo, segundo Santos e Vinha (2018, p. 1), “nunca foi pensada e refletida, embora por muito tempo a população brasileira tenha sido predominantemente rural”. Após a industrialização brasileira, “a população rural começou a sair do campo para as cidades. Diante disto, a educação rural começou a ser pensada numa tentativa de manter essa população no campo, pois a elite agrária precisava de trabalhadores” (SANTOS; VINHA, 2018, p.2).

Mesmo sendo criadas no campo, as escolas funcionavam como escolas da cidade e, por muito tempo, continuaram dessa forma. Ou seja, a educação do campo era aplicada no campo, mas pensada para os alunos da cidade. Somente com o MST⁶, que realmente se começou a pensar em uma educação voltada e pensada para a população do campo.

A educação do campo surge como uma proposta não apenas educacional, mas de resistência, que valoriza a identidade do sujeito do campo na escola, que seus ensinamentos estejam adequados à realidade e às necessidades dos alunos do campo, que o calendário escolar esteja de acordo com o ciclo agrícola, entre outras características. (SANTOS, VINHA, 2018, p.2)

⁶ O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, movimento de ativismo político e social brasileiro.

Com o movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, a escola passa a ser voltada e pensada realmente para os sujeitos do campo, respeitando suas características e especificidades. Com isso, as Diretrizes Nacionais da Educação no Campo, trazem que

é fundamental que a proposta pedagógica, a estratégia curricular, a metodologia a ser utilizada para educação do campo, quilombolas e indígenas, dialogue com a realidade dos sujeitos, sujeito que está naquele lugar e pensada a partir daquele lugar. (BRASIL, 2002, p.2).

Falarei mais sobre as diretrizes no próximo subtítulo.

3.2 Programas e Leis que norteiam a Educação do Campo

Ao longo dos anos, a educação do campo começou a ser respaldada por programas e leis que defendem e auxiliam os povos do campo. Dessa forma, trago alguns programas e leis, a fim de entender melhor de que formas as escolas são amparadas.

3.2.1 PRONACAMPO

Em 25 de julho de 2012, foi efetivado o Pronacampo⁷ que se caracteriza por ser um documento⁸ orientador, criado por grupos ligados à educação⁹, foi instituído para unificar e apoiar a educação do campo. O documento do PRONACAMPO traz como objetivo geral:

Disponibilizar apoio técnico e financeiro aos Estados, Municípios e Distrito Federal para a implementação da Política de Educação do Campo, visando à ampliação do acesso e à qualificação da oferta da Educação Básica e Superior, por meio de ações para a melhoria da infraestrutura das redes públicas de ensino, a formação inicial e continuada de professores, a produção e a disponibilização de material específico aos estudantes do campo e quilombolas, em todas as etapas e modalidades de ensino. (BRASIL, 2013, p.6)

⁷ Programa Nacional de Educação do Campo.

⁸ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/18720-pronacampo>

⁹ MEC/SECADI, formado pelo Conselho dos Secretários Estaduais de Educação - CONSED, União dos Dirigentes Municipais de Educação - UNDIME, Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura - CONTAG, Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra - MST, Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar - FETRAF, Rede de Educação do Semi-Árido Brasileiro - RESAB, Universidade de Brasília - UNB e Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Com esse excerto, podemos ver que o Pronacampo se preocupa com as especificidades das escolas situadas no campo, onde cita a importância da formação inicial e continuada dos professores do campo, para que possam adaptar, assim, os seus currículos, visando esses alunos e suas características. Desse modo, podemos ver a importância de um documento ser criado por grupos ligados à educação, onde os mesmos sabem exatamente o que está se passando no meio escolar, sendo eles agentes passivos de falas e pensamentos.

3.2.2 PRONERA

Em 16 de Abril de 1998, foi criado o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. Ele foi criado a partir de diversas lutas de movimentos sociais e sindicais de trabalhadores rurais, em busca do direito à educação, visando a particularidade do povo do campo. Assim como traz o documento¹⁰ do Manual Pronera, aprovado pelo INCRA¹¹,

O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária é uma política pública de Educação do Campo desenvolvida em áreas de Reforma Agrária, executada pelo governo brasileiro. Seu objetivo é fortalecer o mundo rural como território de vida em todas as suas dimensões: econômicas, sociais, ambientais, políticas, culturais e éticas. (BRASIL, 2014, p. 9)

O Pronera busca além de olhar para os sujeitos do campo, enxergar a necessidade em fortalecer os costumes e modos do povo do campo em sua totalidade, valorizando, assim, tudo o que diz respeito a esse meio. Esse programa nacional tem como objetivo geral:

Fortalecer a educação nas áreas de Reforma Agrária, estimulando, propondo, criando, desenvolvendo e coordenando projetos educacionais, utilizando metodologias voltadas para a especificidade do campo, tendo em vista contribuir para a promoção do desenvolvimento sustentável.

Após esse excerto trazido, podemos entender a importância de professores utilizarem metodologias voltadas para o campo, pois, a partir dessas, o educador passa a compreender que a conexão entre o que é aprendido e o que é vivenciado auxiliam muito para um aprendizado mais completo e significativo dos alunos.

¹⁰ Disponível: http://www.incra.gov.br/sites/default/files/programa_nac_educacao_reforma_agraria.pdf

¹¹ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Como vimos, a educação do campo possui alguns programas e leis que a amparam. Dessa forma, a educação do campo pode até ser citada nas leis e nos programas da educação básica, onde, segundo Santos (2018. p. 186), mesmo “[...] referenciada no texto desses documentos, a garantia da especificidade da Educação do Campo, as ações implementadas se mantêm tímidas e, por vezes, inclusive levam à redução dessa especificidade educativa”. Visto isso, sinto que ainda faltam muitos recursos para que essas escolas de campo se equipararem¹² às demais escolas que se situam nas cidades. A meu ver, a escola de campo em princípio deve ser tratada e vista de uma forma singular. Devemos enxergar para além das suas limitações. Falo um pouco mais sobre isso no próximo subtítulo, intitulado como Diretrizes e Bases da Educação do Campo. Acredito, ainda, que há muitas lutas e buscas para que as escolas de campo sejam representadas e amparadas da melhor forma possível, para que assim possam se sentir realmente representadas e incluídas na educação.

3.2.3 Diretrizes e Bases da Educação do Campo

No ano de 2018, foi criada a Lei das Diretrizes e Bases para a Educação do Campo (RIO GRANDE DO SUL, 2018), veio especialmente para unificar e igualar as escolas de campo.

A Diretriz Curricular da Educação do Campo surgiu para nortear as escolas do campo, a fim de ser referência para as mesmas. Ela estabelece princípios e métodos para adequar todas as escolas com essas características. Assim, as Diretrizes da Educação do Campo esclarecem quais são as populações que atendem.

Compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Técnico Integrado e destina-se ao atendimento às populações do campo em suas mais variadas formas de produção da vida – agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros. (RIO GRANDE DO SUL, 2018).

Esse documento surgiu também para esclarecer que uma escola de campo deve ter seus olhares voltados para os sujeitos que compõem a comunidade na qual

¹²Se refere ao fato de que a escola do centro do município, sempre foi vista pela comunidade como referência.

a escola está inserida, para que o currículo e as propostas pedagógicas sejam voltados e façam sentido para os educandos que a compõem. Assim:

[...] a Educação do Campo tem a finalidade de pensar o processo de construção de um projeto de educação para o campo como espaço de vida, da cultura, do saber e da formação de identidades, gestado desde o ponto de vista dos sujeitos do campo e da trajetória de lutas de suas organizações. (RIO GRANDE DO SUL, 2018)

Dessa forma, cada educando deve se enxergar como pertencente daquele espaço, onde a educação do campo deve ser feita para cada sujeito que compõe aquela comunidade. Mas, como sabemos, não é bem assim que funciona. Em muitas cidades, a escola do campo é vista apenas como mais uma escola da rede escolar, ou até como uma escola “inferior” às outras, deixando assim essas instituições com infraestruturas precárias, materiais escassos, como também com poucos profissionais para atuarem com as turmas.

[...] a escola do meio rural tem problemas, como: falta de infraestrutura necessária e de docentes qualificados, falta de apoio a iniciativas de renovação pedagógicas, currículo e calendário escolar alheio à realidade do campo. Em muitos lugares, a escola do campo é atendida por professores com visão de mundo urbano, muitas vezes deslocada das necessidades e das questões do trabalho no campo, alheia a um projeto de desenvolvimento, alienada dos interesses dos camponeses, dos assalariados do campo, enfim, do conjunto de trabalhadores de seus movimentos e organizações, estimuladora do abandono do campo por apresentar o urbano como superior, moderno e atraente e, em muitos casos, contribuindo para sua própria destruição. (BÖHMANN, 2015, p.9)

Um dos grandes problemas da escola do campo se dá a partir de sua concepção de educação, uma vez que direção e professores realizam suas propostas baseadas em escolas urbanas, indo assim totalmente contra as questões do trabalho do campo, tornando assim esses sujeitos deslocados dos seus meios.

Muitas escolas do campo se encontram em estados precários, visto que são deixadas de lado pelos seus governantes, uma vez que é muito mais prático e vantajoso investir nas escolas da cidade. Segundo Böhmman (2015, p.9),

devido à situação geral da educação brasileira hoje, e em particular dessa tendência de marginalização das escolas do meio rural, é também um problema grave o tipo de escola pública oferecida à população do campo. De modo geral é uma escola relegada ao abandono.

3.3 A Importância das memórias em nossa vida

Decidi falar um pouco sobre a importância das memórias em nossa vida, pois a partir delas nos lembramos de eventos passados que foram significativos para nós, podendo ser positivos ou até negativos.

A partir disso, as memórias também são importantes para um grupo e para uma comunidade. Com base nelas, podemos recriar situações e momentos que foram significativos para esses sujeitos e, assim, entender o ponto de vista de cada um, ou seja, o modo que determinada pessoa enxerga a situação vivenciada.

Por isso, em meu trabalho de pesquisa, pretendo dar voz para esses ex-alunos e ex-professores que estudaram e lecionaram na EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling. Acredito que ambos trarão muitas lembranças de seus tempos de escola, podendo assim contribuir muito para o meu trabalho acadêmico.

Acredito que escutar o que esses sujeitos têm a dizer, além de ajudar os mesmos a recordar de um momento, que possa ter sido marcante, ou não, serve também para mim como um aprendizado, pois a partir da escuta e da interação, evoluímos também como ouvintes, deixando assim o protagonismo para as pessoas que vivenciaram esses momentos.

Disponibilizar um tempo para ouvir é fundamental no mundo em que estamos vivendo. Todos, a todo o momento, querem apenas falar e se posicionar sobre determinado assunto, mas, na hora de ouvir, há poucos. Dessa forma, volto à minha escuta e meu olhar carinhoso para a trajetória de todos os sujeitos participantes dessa pesquisa, pois contribuíram para as formações das identidades de cada um deles.

No próximo capítulo, falo sobre a metodologia, mostrando a escolha do método da minha pesquisa e a forma escolhida para a realização da coleta de dados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse capítulo, apresento e descrevo a metodologia definida para a realização da pesquisa proposta. É uma pesquisa de natureza qualitativa descritiva. Também faço uso da pesquisa participante, sendo ela fundamental na parceria pesquisador e participante. Por fim, falo sobre a coleta de dados que foi desenvolvida, na sua maioria, na escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, como também com os quatorze sujeitos da pesquisa, sete ex-professores e sete ex-alunos, um de cada década, de 1950 a 2020.

4.1 Método de pesquisa

A metodologia foi realizada de forma qualitativa descritiva a qual, segundo Biklen e Bogdan (1991, p.48):

Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais.

Sendo assim, foi utilizada ainda a metodologia de pesquisa participante. Esse método envolve o pesquisador e os sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa. De acordo com Faerman (2014, p. 49), a pesquisa participante,

[...] requer uma opção relacionada à cumplicidade entre pesquisador e sujeito pesquisado; para realizá-la, é necessário ter como ponto de partida a clareza de que os sujeitos podem efetivamente ser parceiros, contribuindo para a construção do conhecimento no espaço da pesquisa. Essa opção contrapõe-se à ideia de que os sujeitos são meros informantes, cuja participação se reduz à tão somente transmissão de informações.

Vale lembrar que existem diversos modelos de pesquisa participante, porém utilizo a entrevista estruturada que, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 196), “é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são pré-determinadas.”

A pesquisa também aconteceu da forma documental, uma vez que a maior parte foi feita a partir de documentos e análises dos mesmos, encontrados na EMEF

Leopoldo Guilherme Ewerling. Falo mais sobre a pesquisa documental no próximo subtítulo do trabalho.

A coleta de dados foi realizada a partir de uma entrevista individual com sete ex-alunos e a partir de um questionário com sete ex-professores da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, do município de São José do Hortêncio, RS. Um de cada década, entre os anos de 1950 a 2020, ou seja, abrangendo as décadas de 50, 60, 70, 80, 90, 2000, 2010, para que possam me relatar de como era o andamento da escola na época que ainda lecionavam ou estudavam.

No próximo subtítulo, falo sobre como ocorreu a coleta de documentos que, na sua maioria, foi realizada na própria escola.

4.2 Coleta de documentos

A pesquisa documental foi feita em documentos da própria EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, utilizando livros ponto, planilhas, Projeto Político Pedagógico, fotografias e arquivos pessoais, bem como a partir de entrevistas e questionários com sete ex-alunos e sete ex-professores entre os anos de 1950 a 2020, um de cada década.

Após a coleta de materiais na escola, selecionei os sujeitos que se enquadravam nas décadas da minha pesquisa. Dessa forma, agendei previamente um encontro com os entrevistados, como também marquei um horário para conversar com os sujeitos que responderam às perguntas a partir de um questionário. Minha ideia principal era entrevistar todas as pessoas pessoalmente, pois acredito que a entrevista presencial, além de ter o contato olho no olho e ser uma forma mais informal de conversa, também, segundo Lakatos e Marconi (2003, p.1997), “dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos”, mas levando em conta a pandemia (BRASIL, 2020) que estamos enfrentando, decidi dividir o grupo em dois, separando ex-professores e ex-alunos. Com o grupo de ex-professores foi realizado um questionário. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p.200), “questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Foram elaboradas dez perguntas as quais estão em apêndice B. As perguntas são abertas, onde, segundo Lakatos e Marconi (2003, p.203), “são as que permitem ao informante responder livremente, usando

linguagem própria, e emitir opiniões”. O questionário foi encaminhado via e-mail e/ou whatsapp, considerando a disponibilidade e a acessibilidade de ambos.

Com os ex-alunos realizei a entrevista presencialmente, onde organizei nove perguntas, elas estão no apêndice A. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p.195),

a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Lembrando que, nesse momento de pandemia, os cuidados foram redobrados, respeitando assim o distanciamento necessário. Fez-se uso de todos os EPIs¹³, como: luvas, máscara e álcool em gel. Para que esse encontro pudesse acontecer, conversei previamente com os sujeitos, esclarecendo todos os cuidados que deveríamos ter. Todos estavam bem conscientes, assim, concordaram para que esse momento pudesse acontecer. Decidi por fazer a entrevista presencial com os ex-alunos, pois acredito que os sujeitos ficam mais à vontade, assim como também trazem Lakatos e Marconi (2003, p.197), “há maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente; especificar algum significado, como garantia de estar sendo compreendido”.

Algo que destaco nesse grupo de entrevistados é o fato deles trazerem muitas memórias consigo. Dessa forma, conversar com eles pessoalmente fez com que eles recordassem aqueles momentos vividos, onde talvez no papel não pudessem ser traduzidos. A entrevista foi gravada, a partir de áudio, com o consentimento dos entrevistados, assim a transcrição pôde ser fiel ao que foi falado pela pessoa.

O próximo subtítulo fala sobre as categorias de análise que escolhi para situar e organizar minhas concepções sobre uma escola de campo, facilitando assim na elaboração das perguntas feitas para os entrevistados, também, auxiliaram na conclusão de ideias para distinguir se realmente a escola da minha pesquisa se enquadra nessas características.

¹³ Equipamento de proteção individual.

4.3 Escola de Campo: Categorias de análise

Para facilitar a compreensão de como era o andamento da escola entre as sete décadas, defini algumas categorias para ajudar nesse entendimento, levando em conta as principais características de uma Escola de Campo. A partir delas, contextualizei alguns pontos importantes. Assim, também, baseei-me nas referidas especificidades para elaborar as perguntas que me ajudaram no resultado final do meu trabalho de pesquisa. As perguntas estão em apêndice A e B, no final do trabalho.

4.3.1 A Escola surge como uma necessidade para a comunidade.

Além da escola ser referência para uma comunidade, como também para as pessoas que vivem lá, ela surge como uma necessidade. Primeiramente, pelo fato daquelas pessoas precisarem de uma escola acessível, que se situe perto de suas casas. Outro ponto relevante é a possibilidade de ter uma escola que atenda todas as características encontradas no seu meio, que contemple, assim, as pessoas que residem naquele lugar. Dessa maneira, a escola diz muito sobre o meio em que está inserida.

Uma escola de campo deve ser diferente de uma escola da cidade, de tal forma que possamos assim enxergar, a partir das práticas propostas, características que representem a população a qual a escola atende.

4.3.2 Educação diferenciada que vá ao encontro das necessidades e da realidade dos educandos.

Como já vimos no decorrer do trabalho, a educação nas escolas deve ir ao encontro das vivências e experiências dos educandos, para que eles possam se sentir parte do processo de educação. Com os alunos do campo, não deve ser diferente. As propostas que são desenvolvidas devem fazer sentido para as crianças, considerando todas as especificidades desse povo. O que é proposto deve ser pensado e planejado olhando para o meio desses sujeitos, pois de nada adianta falar sobre algo em que os alunos não estejam vivenciando, porque para eles não faz sentido nenhum trabalhar determinado assunto, os quais fujam da sua realidade. Assim, é importante ressaltar,

a necessidade e a importância de uma escola do campo situada na própria área rural; as práticas pedagógicas voltadas para as particularidades da cultura camponesa; o currículo e a organização escolar adaptados numa realidade rural; calendários que sigam as mudanças climáticas e o ciclo agrícola; e entre outras reflexões que cercam a educação do campo e revelam uma carência de pesquisa mais aprofundada na área. (LENARTOVICZ, 2017, p.11)

Sabendo disso, “o currículo precisa incorporar, no processo educativo escolar, a relação educação e cultura e garantir aos estudantes conhecimento das diversas formas de manifestações culturais, mas principalmente a cultura campesina”. (SANTOS, 2018, p.195)

4.3.3 A escola deve ser de fácil acesso para os educandos

Há alguns anos atrás, como conta a minha mãe, ir para a escola era quase uma “maratona”, pois muitas crianças, principalmente as que moravam no interior, deveriam ir a pé para a instituição, pois não havia transportes escolares. As escolas se situavam em lugares de difícil acesso e as estradas, na sua grande maioria, ainda eram de chão batido, dificultando ainda mais esse trajeto.

Nos dias atuais, ir para a escola está muito mais acessível e rápido do que era há alguns anos. Agora, temos transportes escolares em quase todos os municípios, atendendo praticamente todas as crianças. A Constituição Federal (BRASIL, 1988)

[...] assegura ao aluno da escola pública o direito ao transporte escolar, como forma de facilitar seu acesso à educação. A Lei nº 9.394/96, mais conhecida como LDB, também prevê o direito do aluno ao uso do transporte escolar, mediante a obrigação de estado e municípios, [...]

Segundo a lei, o transporte é direito do estudante, sendo assim sem distinção de classe social, raça ou idade.

4.3.4 Escola engajada com assuntos da comunidade

A escola deve estar atenta e voltar o seu olhar para os assuntos que envolvem a comunidade, para que assim os alunos se sintam incluídos nesse processo. A instituição deve ser um lugar disponível para escuta, onde famílias possam encontrar refúgio e alento para soluções de problemas encontrados no meio escolar. Segundo Bezerra, et al. (2010, p. 282), “esse processo de interação deve ser pautado no diálogo

e na confiança”. Para isso, a escola deve oportunizar “situações de encontro”, a fim de “conhecer os recursos da comunidade e os aspectos da sua realidade, visando à melhoria do ensino-aprendizagem”.

4.3.5 Relação professor e aluno

Quando penso na relação professor e aluno, logo penso na obra de Paulo Freire, intitulada de Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2013). A sua principal ideia, na minha concepção, seria a de que o professor não deve apenas conduzir o conhecimento para a criança, mas criar e proporcionar possibilidades para que haja produção e construção na aprendizagem. Portanto, deve haver uma troca entre educador e educando, pois ambos terão algo para acrescentar, enriquecendo o aprendizado.

Acima de tudo, acredito que o educando deve ser respeitado, sempre levando em conta a sua particularidade, sabendo ouvir e incentivar a sua participação na aula, de tal modo que estimule a sua criticidade. Além disso, a obra traz outros conceitos os quais afirmam que o professor deve ser curioso, ou seja, correr atrás do conhecimento, nunca estar satisfeito, buscar sempre aprender, pois, segundo ele, somos seres inacabados, estamos em constante crescimento e aprendizado.

Essas ideias resumem bem o que acredito ser uma boa relação entre professor e aluno, mas sabemos que na maioria das vezes não é dessa forma que acontece. Muitos professores ainda acreditam que somente eles possuem o saber, o que é dito por eles deve ser respeitado e tido como uma verdade absoluta e o aluno não pode, em hipótese alguma, contestar a fala do educador.

Assim escolhi olhar para essa categoria, pois acredito que ela é fundamental para compreender melhor como ocorria a relação entre professores e alunos nessas sete décadas da minha pesquisa.

4.3.6 Relação família e escola

Não é de hoje que pensamos na relação família e escola. Essa parceria que considero fundamental para haver um aprendizado mais significativo para as crianças. Um bom relacionamento entre ambos, além de trazer um clima agradável, também proporciona que famílias e professores possam trabalhar juntos, se ajudando,

suprindo assim as limitações encontradas no decorrer do ano escolar, mas nem sempre esse relacionamento foi agradável e tranquilo. Segundo Picanço (2012, p.41), “as razões são conhecidas: falta de tempo, baixas expectativas educacionais, afastamento cultural e pobreza”. Nesses momentos, devemos achar soluções para tentar essa aproximação com as famílias, que nem sempre é fácil.

Os professores não podem, sozinhos, ultrapassar esses obstáculos ao envolvimento parental, mas podem dar uma ajuda mudando de atitude, acreditando nos benefícios, pressionando as autoridades escolares para criarem espaços para receber os pais/encarregados da educação e pedindo a colaboração de outros técnicos de educação. (PICANÇO, 2012, p.41)

Dessa forma, escolhi essa categoria para compreender um pouco melhor como se dava essa relação durante as décadas propostas acima.

No capítulo a seguir, trago a localização da escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling. Apresento uma breve contextualização dos sujeitos que residem nesse lugar, a história do município e também as escolas que toda rede de ensino atende, tanto municipal, como estadual.

5 APRESENTANDO A “EMEF LEOPOLDO GUILHERME EWERLING”

Neste capítulo, apresento a localização e a contextualização da escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, mostrando assim onde a mesma se situa dentro do município de São José do Hortêncio, RS. Acredito que antes de falar sobre a história da escola, é de suma importância mostrar onde a mesma está localizada, para que assim o entendimento possa acontecer na sua totalidade. Também nesse capítulo trago as histórias e memórias da escola.

5.1 Localização

A escola que impulsionou a minha pesquisa localiza-se no município de São José do Hortêncio, RS. Cidade com quase 5 mil habitantes, conhecida popularmente como a terra do aipim.¹⁴ Segundo o Wikipédia¹⁵, o município se situa a 66 km de Porto Alegre e faz limite com os municípios de Feliz, São Sebastião do Caí, Portão, Lindolfo Collor, Presidente Lucena, Picada Café e Linha Nova. A cidade possui também três distritos: Estrada Capela do Rosário, Estrada Arroio Bonito e Estrada Exaltação da Santa Cruz. Nessa última, também conhecida como Campestre, localiza-se a escola onde realizei minha pesquisa, sendo esse também o bairro onde eu moro. Dessa forma, conheço toda a comunidade.

Figura 1 - Mapa de São José do Hortêncio, RS



fonte: São José do Hortêncio (2020).

¹⁴ Leva esse nome pelo fato da festa tradicional do município se chamar festa do aipim. A festa foi criada para comemorar a grande safra da planta.

¹⁵ SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO. *In*: WIKIPÉDIA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jos%C3%A9_do_Hort%C3%A7%C3%A2ncio. Acesso em: 11 jun. 2020.

No subtítulo a seguir, conto um pouco sobre a história do município de São José do Hortêncio, como também as escolas que compõem a rede de ensino.

5.2 História do município e escolas que compõem a rede de ensino

Segundo o Wikipédia (SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO, 2020), o município leva o nome de São José em homenagem ao padroeiro da paróquia de Hortêncio. Já Hortêncio, deu-se em homenagem a um fazendeiro chamado Hortêncio Leite que possuía terras que davam acesso a essa localidade. Então, era comum dizer que se ia para São José e que se passava pelas terras do Hortêncio. Assim, o nome ficou como São José do Hortêncio.

Como resido em São José do Hortêncio, desde que nasci, sei que o município possui três escolas municipais, duas localizadas no interior e uma no centro do município, onde também está situada a escola estadual, assim como uma Escola de Educação Infantil. Segundo o secretário de educação de São José do Hortêncio, Cândido Koch¹⁶, a rede municipal de ensino atende aproximadamente 628 crianças, incluindo assim o contraturno¹⁷. Na rede estadual, o número de crianças atendidas chega a aproximadamente 194 alunos.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Leopoldo Guilherme Ewerling, situa-se na localidade mais conhecida como Campestre, no interior do município de São José do Hortêncio.

Segundo a atual direção da escola, a instituição também possui um calendário diferenciado das demais escolas do município, respeitando assim as suas especificidades. Como traz a Lei das Diretrizes e Bases da Educação do Campo (RIO GRANDE DO SUL, 2018),

o reconhecimento de que a população do campo tem direito a uma educação diferenciada daquela oferecida a quem vive na cidade extrapola a noção de espaço geográfico e compreende as necessidades culturais, os direitos sociais e a formação integral desses indivíduos.

No subtítulo 5.3, trago os sujeitos que compõem essa comunidade, lembrando que, como resido nesse lugar desde que nasci, conheço praticamente todas as pessoas dessa comunidade.

¹⁶ Conversa realizada no dia 15/09/2020.

¹⁷ Contrário do horário da aula. Atividades extracurriculares.

5.3 Sujeitos que constituem essa comunidade

Como moradora de São José do Hortêncio, percebo que a fonte de renda da maioria dos moradores é a agricultura, mas, nos últimos anos, o setor calçadista entrou com muita força nessa região. Assim, muitos optaram por essa nova fonte de renda. Alguns ainda dividem o seu tempo nos dois trabalhos, ou seja, trabalham fora, mas não deixam de lado a agricultura familiar.¹⁸

As pessoas que residem nessa comunidade se caracterizam por serem muito simples e humildes. Por ser um distrito pequeno, todos se conhecem. Como o município possui grande influência alemã, grande parte dos sujeitos falam o dialeto hunsrückisch¹⁹ vindo do alemão, sendo esse quase mais falado que o próprio português.

No subtítulo 5.4, trago as histórias e memórias da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, onde grande parte do material de pesquisa foi coletado.

5.4 Histórias e memórias da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling

Em uma conversa²⁰ com a diretora Marlice Frohlich, pude perceber a sua animação e entusiasmo em poder resgatar e relembrar a história da escola. Prontamente, trouxe-me fotos e arquivos nos quais pude ter uma pequena noção da quantidade de material e acervo que a escola possui. De início, quis me situar na história e fundação da escola, assim me mostrou diversos documentos do acervo da instituição.

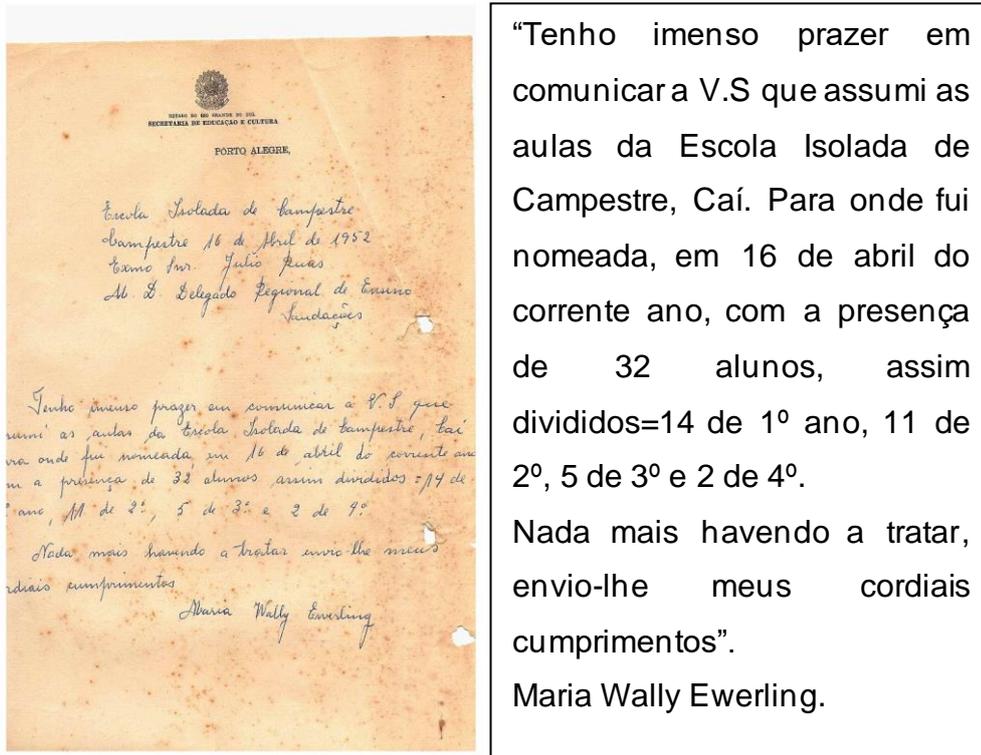
Dessa forma, segundo os documentos disponibilizados, as aulas eram ministradas pela professora Maria Wally Ewerling, onde, na figura 2, vemos uma correspondência deixada pela mesma, no ano de 1952, se apresentando como a professora das turmas de 1º ao 4º Ano, na Escola Isolada de Campestre.

¹⁸ Agricultura que consiste em mão de obra basicamente composta pelo núcleo familiar.

¹⁹ Segundo o Wikipédia, O Hunsrückisch é um dialeto alemão falado na região do Hunsrück, no sudoeste da Alemanha, sendo o dialeto que deu origem à língua hunsrik falada nos estados brasileiros de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Espírito Santo, e que possui forte influência do português. HUNSRÜCKISCH. In: WIKIPÉDIA. **Hunsrückisch**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hunsr%C3%BCckisch#:~:text=O%20Hunsr%C3%BCckisch%20%C3%A9%20um%20dialeto,possui%20forte%20influ%C3%Aancia%20do%20portugu%C3%AAs>. Acesso em: 09 nov. 2020.

²⁰ A conversa foi realizada no dia 16 de março.

Figura 2 - Correspondência de Maria Wally Ewerling/Transcrição da correspondência



Fonte: Imagem retirada do acervo da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling

Segundo o documento, as aulas eram realizadas na casa do Senhor Mathias Erhart que era avô da educadora. Mais tarde, passaram para o salão de baile dos pais da professora (Leopoldo Guilherme Ewerling e Amélia Ewerling). Na figura 3, vemos o salão de baile dos pais da professora, como também as crianças e os seus pais, em um momento de festejo da escola. Segundo a professora Maristela, que cedeu a imagem, a turma apresentou um teatro para a comunidade.

Figura 3 - Salão de baile



Fonte: Imagem cedida por Maristela Henzel Roos

Após, os pais da educadora doaram as terras para a construção de um prédio apropriado para a escola, onde foi construído uma escola estadual. Em 17 de março de 1952, o decreto nº 2.888 cria a Escola Isolada de Campestre. Na figura 4, trago o primeiro prédio da escola.

Figura 4 - Primeiro prédio da escola



Fonte: Imagem retirada do acervo da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling

Esse primeiro prédio, como podemos ver, assemelha-se muito a uma moradia. Seu tamanho era reduzido, não havia um pátio adequado para as crianças brincarem e o terreno onde a escola estava situada era irregular. Logo que foi fundada, a escola foi denominada de “Escola Isolada de Campestre”. O termo “isolada” era muito comum em escolas do campo, pois, como bem diz a palavra, eram sempre escolas afastadas e de difíceis acessos. Ao decorrer dos anos, a escola teve vários outros nomes: Como podemos ver no quadro 1.

Quadro 1 - Nomenclaturas da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling

Nomenclaturas da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling	Ato normativo
Escola Isolada de Campestre	Decreto nº 2.888, de 17 de março de 1952.
Escola Rural de Campestre	Decreto nº 7747, de 02 de abril de 1957.
Escola Estadual de 1º Grau Incompleto de Campestre	Decreto nº 19.818, de 13 de agosto de 1969.
Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Gabriel da Silva Perreira	Documento desconhecido ²¹
Escola Estadual de 1º Grau Incompleto de Campestre	Documento desconhecido ²²
Escola Municipal de Ensino Fundamental Leopoldo Guilherme Ewerling	Decreto nº 12/2000, de 07 de dezembro de 2000.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos documentos coletados na EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling

Como vemos no quadro 1, as nomenclaturas da escola foram bem variadas durante os anos. Desde sua fundação, a escola foi de estadual a municipal, e, assim, teve diferentes nomes durante esses anos: Escola rural de Campestre, Escola Estadual de 1º Grau Incompleto de Campestre, Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Gabriel da Silva Perreira. Mas, em 1988, por ocasião da municipalização de São José do Hortêncio, a escola passou a ser mantida pelo município, assim passou a ser novamente denominada de Escola Municipal de 1º Grau Incompleto de Campestre. Na época da emancipação, em 1988, era a única escola estadual no município. O atual prédio foi inaugurado em 1990. Na figura 5, vemos a inauguração do prédio atual, realizada pelo prefeito da época, Egídio Grohman.

²¹ Decreto não encontrado na EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

²² Decreto não encontrado na EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

Figura 5 - Inauguração do atual prédio da escola



Fonte: Imagens retiradas do acervo da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

Em dezembro de 1999, a comunidade sugeriu como nome à escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Leopoldo Guilherme Ewerling, em homenagem ao doador do terreno no qual o prédio se encontra. O nome foi oficializado pelo decreto municipal de nº 12/2000, de 07 de dezembro de 2000. A diretora na época era a professora Maristela Henzel Roos. No quadro 2, trago os nomes dos (das) diretores (as) e ano (s) que atuaram na escola, desde o ano de 1952.

Quadro 2 - Diretores que atuaram na escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling

Nome do(a) diretor(a)	Ano(s) que atuou na escola
Maria Wally Ewerling	1952 a 1969
Ênio Da Silva Bueno	1970
Flávio Silnei Bueno	1971 a 1973
Noeli Laci Bender Puhl	1974
Ênio Da Silva Bueno	1975 a 1977
Maria Bernadete Rodrigues de Oliveira	1978 a 1981
Roselane Mertins	1982 a 1983
Noeli Laci Bender Puhl	1984 a 1994
Terezinha Lara Junchen	1995 a 1997
Maristela Henzel Roos	1998 a 2002
Maria Aparecida Jaques dos Santos	2003 a 2004
Lidiane Fagundes da Silva	2005 a 2014
Sônia Lisiane Wust Spindler	2015
Vanderléia Maria Mohr Kehl	2016
Marlice Maria Franz Frohlich	2017 até hoje

Fonte: Elaborada pela autora.

Como vemos no quadro 2, a EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling teve vários diretores, fundamentais no crescimento da escola. Até o ano de 2014, o (a) diretor (a) também assumia uma turma da escola, ocupava o cargo de professor (a) e diretor (a), retratando assim algo muito comum na nossa educação e profissão como educador. Muitas vezes, o professor precisa assumir cargos além dos seus, para dessa forma dar conta da demanda de educandos e responsabilidades da escola.

Se olharmos para os últimos cinco anos, desde 2015, vemos que a professora Sônia Lisiane Wust Spindler assumiu como diretora. Ela foi a primeira diretora a exercer somente o papel de diretora, não acumulando tarefas como acontecia nos demais anos. Nesse ano, também foi construída a cobertura na lateral da escola. Em 2016, quem assumiu a direção foi a professora Vanderléia Maria Mohr Kehl. Em 2017, a professora Marlice Maria Franz Frohlich assumiu a direção da escola e continua até hoje. Até esse ano ainda havia turmas multisseriadas que são:

[...] turmas constituídas por alunos de várias séries, nas quais se juntam todos os alunos matriculados na unidade escolar, independente dos níveis de aprendizagem em uma mesma sala, que, por sua vez têm como responsável, na maioria das vezes, um único professor (FLORES, 2016, p.30).

As aulas com turmas multisseriadas eram para turmas de 1ª a 4ª séries, na época. A partir desse mesmo ano, a escola passou a possibilitar aulas para as turmas do 1º ao 3º ano, em turmas únicas, atendendo as crianças da Estrada Exaltação da Santa Cruz²³. A turma do 4º ano foi transferida para outra escola da cidade, denominada de EMEF Leocadia Becker, situada na Estrada Arroio Bonito²⁴. Nessa escola, também foi criado o 5º Ano, onde, segundo a direção, lá havia mais espaço de ampliação que na escola do Campestre.

Desde 2017, além da diretora, a escola conta com mais 5 funcionários (uma professora no apoio pedagógico, três professoras titulares e uma servente-merendeira). Nesse período, a escola teve melhorias, como: o revestimento do piso, a construção do escovódromo²⁵, banheiros exclusivos para os alunos, pois antes utilizavam os mesmos banheiros dos profissionais da escola. Na figura 6, vemos o escovódromo e os banheiros exclusivos para as crianças.

²³ Distrito do município de São José do Hortêncio.

²⁴ Distrito do município de São José do Hortêncio.

²⁵ Lugar destinado para a escovação dos dentes.

Figura 6 - Escovódromo e banheiros exclusivos para alunos



Fonte: Acervo pessoal.

A escola se caracteriza por ser pequena, contendo apenas 3 turmas, do 1º ao 3º ano, com um total de 34 alunos. Na escola, há duas salas de aula, uma cozinha, um refeitório, uma sala da direção/planejamentos, três banheiros, uma pracinha, uma área coberta e uma casinha na área externa. O seu funcionamento acontece em dois turnos, manhã e tarde. O 3º ano na parte da manhã, das 7h20min às 11h20min; e 1º e o 2º ano na parte da tarde, das 13h20min às 17h20min.

Segundo a direção, os espaços externos são bem aproveitados pelas crianças. A pracinha, por ter um espaço reduzido, é dividida pelas turmas, então para facilitar o seu funcionamento, são escalonados horários para que cada turma tenha um tempo para aproveitá-la. Na figura 7, vemos a pracinha da escola.

Figura 7 - Pracinha



Fonte: Imagem retirada do meu acervo pessoal

Já, a área da quadra da escola é bem ampla. Dessa forma, as crianças aproveitam muito. Nas horas de recreio, são oferecidos diversos materiais para que as crianças possam brincar, como: bonecas, carrinhos, bambolês, jogos de tabuleiro, bolas, etc. Esses também possuem os seus dias para serem disponibilizados.

Como já foi dito ao longo do trabalho, a quadra foi coberta no ano de 2015, sendo assim se tornou muito mais funcional para que as crianças possam brincar, também em dias chuvosos. Antes, nesses dias, o recreio era realizado nas próprias salas de aula. Na figura 8, vemos a quadra coberta da escola.

Figura 8 - Quadra coberta



Fonte: Imagens retiradas do meu acervo pessoal.

Na quadra, há também uma casinha que é muito aproveitada pelas crianças a qual foi revitalizada pelos alunos, em uma das atividades que desenvolvi junto com a minha colega Alana, no estágio obrigatório dos anos iniciais, desenvolvido nessa mesma escola, realizado no primeiro semestre de 2019. Na figura 9, trago a casinha da escola.

Figura 9 - Casinha da escola



Fonte: Imagens retiradas do meu acervo pessoal.

Os espaços do interior da escola, como salas de aula, sala da direção e refeitório, tiveram melhorias no decorrer dos anos, porém a escola não possui sala

para planejamento dos professores. Assim os educadores planejam as atividades semanais na sala da direção. Na figura 10, vemos o refeitório, a sala da direção e as duas salas de aula.

Figura 10 - Refeitório, direção e as duas salas de aula



Fonte: Imagens retiradas do meu acervo pessoal.

A escola possui duas entradas, a principal, onde as crianças devem subir as escadas para chegar às salas, e a lateral, que é mais utilizada para crianças que possuem alguma deficiência física, pois possui acessibilidade para carros ou demais transportes. Na figura 11, trago a fachada e a lateral da escola.

Figura 11 - Fachada e lateral da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling



Fonte: Imagens retiradas do meu acervo pessoal.

No próximo capítulo, mostro a forma que as entrevistas foram realizadas e também como os sujeitos foram escolhidos para responderem às perguntas, colaborando assim com o meu trabalho de pesquisa.

6 OS OLHARES E AS VIVÊNCIAS: EX-PROFESSORES E EX-ALUNOS

As entrevistas foram realizadas do dia 14 de setembro de 2020 ao dia 25 de setembro de 2020, completando assim duas semanas de coleta.

No subtítulo 6.1, apresento os 14 sujeitos selecionados para responderem às perguntas através das décadas.

6.1 Sujeitos da pesquisa

Para a coleta de dados, foram escolhidos quatorze sujeitos, com o critério de se encaixarem nas décadas de 1950 a 2020. Assim, os selecionados foram sete ex-professores e sete ex-alunos, um de cada década, contendo, assim, as décadas de 50, 60, 70, 80, 90, 2000 e 2010. O período de pesquisa foi o de sete décadas. No quadro 3, vemos os sete ex-alunos e sete ex-professores e suas respectivas décadas de envolvimento como aluno ou professor na escola.

Quadro 3 - Ex-alunos e ex-professores da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling

	ALUNOS	PROFESSORES
1950	Edvino Kuhn	Maria Wally Ewerling ²⁶
1960	Jorge Koch	Amanda Eronita Wecker ²⁷
1970	Suzana Dália Koch Zimmer	Énio Da Silva Bueno ²⁸
1980	Gelson Erhart	Noeli Laci Bender Puhl
1990	Juliana Koch ²⁹	Maristela Henzel Roos
2000	Ivan Cezar Roos	Lidiane Fagundes
2010	Nicole Karling Koch	Michelle Leite

Fonte: Elaborada pela autora.

Como já comentei anteriormente, com os ex-professores foram realizados questionários os quais foram enviados da forma que mais facilitaria para os sujeitos, ou seja, tanto por email, como também pelo whatsapp. Já, para os ex-alunos, a

²⁶ Única professora da época, já é falecida.

²⁷ A entrevista foi realizada presencialmente, a pedido da entrevistada.

²⁸ Atendendo à solicitação do entrevistado, o questionário foi enviado pelo whatsapp, e as respostas enviadas via áudio, para após serem transcritas.

²⁹ Atendendo à solicitação da entrevistada, a pesquisa foi realizada pelo whatsapp e as respostas enviadas via áudio, para após serem transcritas.

entrevista foi realizada presencialmente, respeitando o distanciamento social e os cuidados necessários que devemos ter em meio a uma pandemia.

Algo que gostaria de sublinhar foi o fato de que a maioria das entrevistas realizadas presencialmente foi respondida pelos sujeitos em alemão e depois transcritas por mim em português. Isso se deu pelo fato da comunidade estar inserida em uma cultura alemã. Assim, a maioria das pessoas prefere usar o dialeto alemão, pois se sente mais segura e confortável na hora de falar.

Primeiramente, trago, nos apêndices A e B, as perguntas elaboradas para os sujeitos participantes da minha pesquisa. As perguntas foram elaboradas pensando nas especificidades de uma escola de campo, lembrando que esse é um dos propósitos do meu trabalho de pesquisa, compreender se a EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling realmente cumpre com essa denominação.

Dessa forma, decidi organizar as respostas trazidas pelos ex-professores e ex-alunos a partir de um quadro comparativo, para que assim o entendimento se torne mais claro e objetivo. As respostas foram apresentadas pelas décadas e seus receptivos sujeitos. Como as perguntas são as mesmas para os grupos de entrevistados, apresento as respostas dos ex-alunos e ex-professores em um mesmo quadro, contemplando assim a mesma categoria. Apenas na categoria 2, demonstro quadros distintos para ex-alunos e ex-professores, pois as perguntas se diferem.

Realizei a entrevista presencial com o ex-aluno, Edvino Kuhn, que chamo de aluno A, e os demais assim consecutivamente: B, C, D, E, F e G. Também, denomino os ex-professores de A, B, C, D, E, F e G. Para organizar as respostas, chamo os ex-professores de P e os ex-alunos de A; seguido da sua década: P 50, A 50, nessa ordem.

Quero deixar claro que não necessariamente professor e aluno devem ter sido educador e educando no mesmo período, mas sim priorizo que tenham lecionado/ estudado na mesma década. No quadro 5, vemos as respostas dos ex-professores e ex-alunos a categoria 1.

6.1.1 Categoria 1: A escola surge como uma necessidade para a comunidade.

Nessa primeira categoria, a pergunta “Você sabe como e por que a escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling surgiu?” tem como objetivo compreender se esses sujeitos conhecem a história e do porquê de a escola ter sido criada.

Quadro 4 - Você sabe como e por que a escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling surgiu?

Perguntas para os ex-alunos e ex-professores.	Você sabe como e por que a escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling surgiu?
	RESPOSTAS:
Década de 50 Aluno A: Professor A:	A 50: Isso eu não sei. Pausa... nunca ouvi. P 50: Falecida.
Década de 60 Aluno B: Professor B:	A 60: Hmm, eu não sei. Olha esse Ewerling lá embaixo, isso deve ter sido porque ali do lado da escola tinha um salão de baile. Esse salão de baile, o sobrenome era Ewerling, ali deve ter surgido, a primeira professora daquele colégio era Ewerling. Eu acho, por isso. P 60: Isso foi em casa particular. Isso eu não sei, aqui em Arroio Bonito também, não foi uma escola registrada, era uma casa particular.
Década de 70 Aluno C: Professor C:	A 70: Hum, ela surgiu porque os alunos precisavam ir para a escola e a escola do canto ³⁰ era muito longe. P 70: Por incrível que pareça, não sei a origem exatamente como ela iniciou as atividades, porque eu peguei alguns anos funcionando, substituindo um irmão mais velho que até então trabalhava lá. Nunca fui atrás disso, me preocupava mais com o presente e o que vinha pela frente. Não tive tempo para buscar exatamente como começou.
Década de 80 Aluno D: Professor D:	A 80: Ah, eu já tinha escutado, mas não me lembro mais certo. P 80: Um Senhor doou as terras para a construção da escola e, por sua filha ser a primeira professora, recebeu esse nome. Nada oficial, o que me falaram.
Década de 90 Aluno E: Professor E:	A 90: Bah, isso não sei. P 90: A professora Maria Wally Ewerling era asmática e a escola em que trabalhava ficava muito longe de sua casa. Na época, sem acesso aos meios de transporte ou poucas opções, necessitava deslocar-se a pé. Então, conseguiu criar uma escola na casa de seus avós maternos

³⁰ Centro da cidade.

	(hoje parte da casa ainda existe – dos Erhart, que fica à esquerda do atual prédio) e após a escola foi transferida para o Salão de Baile e Armazém dos pais da professora – Leopoldo Guilherme Ewerling e Amélia Erhart Ewerling (que ficava à direita do atual prédio da escola. Hoje, no local do salão, fica a residência do Beno Kuhn e Inês Fey Kuhn). Como a professora conseguiu a criação da escola, os pais dela doaram as terras para a construção de um prédio específico para escola.
Década de 2000 Aluno F: Professor F:	A 2000: Não sei, mas lembro que visitamos um senhor, vizinho da escola, que contou sobre o local que a escola surgiu que fica perto do local atual. P 2000: Provavelmente, surgiu pela demanda grande de alunos na idade escolar da comunidade.
Década de 2010 Aluno G: Professor G:	A 2010: Não sei dizer... P 2010: Sim, existia a necessidade de ser ter uma escola no local, pois os alunos estavam tendo aulas em outros espaços, como na casa do avô da professora Maria Wally Ewerling e, em seguida, no salão de bailes dos pais da professora.

Fonte: Respostas dos ex-alunos e ex-professores à categoria 1.

No quadro 4, vemos as respostas sobre a categoria 1. Nele, podemos avaliar que os alunos A 50, D 80, E 90, F 2000 G 2010 não conhecem a história da escola, como também o porquê de ela ter sido criada. O depoimento dos entrevistados chamaram-me atenção pelo fato de acreditar que os ex-alunos e moradores da comunidade conheciam a história da escola. Apenas os ex-alunos B 60 e C 70 se aproximam mais da história e do porquê de ela ter sido criada.

Como já vimos no decorrer do trabalho, no início, as escolas de campo foram criadas para trazer o povo que residia no campo de volta para o campo, pois, com a industrialização brasileira, esse povo estava migrando para a cidade. Assim,

[...] a educação passa a ser vista como o melhor mecanismo para conter essa migração interna e como tentativa de promover a volta do homem ao campo. Essa proposta se transformou em justificativa para legitimar todas as iniciativas destinadas à Educação do Campo. (MATOS; ROCHA, 2020, p. 6)

As escolas também foram criadas com o intuito de abranger as crianças de determinada localidade, contemplando assim, os costumes daquele povo.

A Educação do Campo surge como uma nova alternativa de ressignificação do espaço rural, levando em consideração as características locais como a cultura, o modo de percepção do tempo e do espaço, os costumes e as peculiaridades naturais e socioeconômicas. (PANHO, 2017, p.4)

Com a EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, não foi diferente. A escola foi criada a partir das necessidades da comunidade, pois, naquela época, havia somente uma escola localizada no centro da cidade. Assim, segundo a professora entrevistada E 90, “a primeira professora Maria Wally Ewerling precisava se deslocar muitos quilômetros para chegar à escola. Dessa forma, seus pais doaram a terra onde hoje a escola está localizada, facilitando assim o trajeto da professora”, como também o trajeto dos alunos. Sendo ela localizada no campo, os alunos não precisavam mais ir ao centro da cidade para estudar. Dessa forma, a escola foi criada com o objetivo de atender às crianças que moram no interior do município de São José do Hortêncio. Mas, mesmo estando localizada nas proximidades das residências das crianças, elas ainda precisavam ir a pé à escola, encontrando, assim, muitas dificuldades, principalmente em dias chuvosos.

Ao trazer as respostas dos professores, podemos ver que quatro sujeitos conhecem a história e o porquê de a escola ter sido criada. Apenas os professores B 60 e C 70 trazem em suas respostas que desconhecem o motivo da escola ter sido criada.

Acredito que se olharmos para um âmbito geral das escolas, poucos professores conhecem o porquê da escola onde atuam ter sido criada. Assim, muitos acabam se perdendo em suas propostas, não conseguindo atingir as crianças da comunidade. Dessa maneira, cabe ao professor conhecer o meio em que está inserido, para que assim a aprendizagem possa fazer sentido para os meninos e as meninas.

Dando continuidade à pesquisa, no quadro 6, vemos as respostas da categoria 2, respondidas pelos ex-alunos, lembrando que nessa categoria, decidi mostrar as respostas de forma separada, pois as perguntas feitas para ex-professores e ex-alunos são diferentes. Optei por mudar as perguntas, pois, nessa categoria, quis que os professores respondessem perguntas mais focadas à sua didática em sala de aula.

6.1.2 Categoria 2: Educação diferenciada que vá ao encontro das necessidades e da realidade dos educandos

Nessa categoria, encontram-se as respostas às perguntas feitas para os ex-alunos, com o objetivo de entender se a educação para eles vinha ao encontro de sua realidade vivida. Saliento que optei por deixar os marcadores da fala dos entrevistados, sem preocupação com a linguagem formal.

Quadro 5 - Como eram as aulas? O aprendizado foi marcante na sua vida?

Perguntas para os ex-alunos.	Como eram as aulas? O aprendizado foi marcante na sua vida? Os assuntos tratados em aula vinham ao encontro da sua realidade em casa?
	RESPOSTAS:
Década de 50 Aluno A:	- Foi bonito, a gente brincava na rua... era só areia. - Isso só era a matemática e a linguagem.
Década de 60 Aluno B:	- É difícil a gente lembrar alguma coisa, porque, naquela época, quando eu estudava, eu ia de manhã à aula, chegava em casa onze e meia passada, volta e meia a mãe tinha o almoço pronto pra levar pra roça pro pai e pros meus irmãos. Daí eu chegava em casa e botava as coisas de lado e ia pra roça. Às vezes, estudava um pouquinho ainda e no dia seguinte era a mesma rotina de novo. - Eu acho que, naquela época, o que a gente mais estudava era, como é que vou dizer: hoje em dia as crianças têm que ser mais educadas na sala de aula, como é no dia a dia da pessoa. Naquele tempo, tu ia à escola e estudava. Tu aprendia o básico: a matemática, o português e geografia. Fazia desenhos. Isso tudo tinha que aprender, mas assim saber dialogar a vida, nunca, jamais.
Década de 70 Aluna C:	- Eu estudei até a 4ª série, mas o que eu sei hoje, eu aprendi ali. Quando eu entrei com sete anos, nem sabia escrever meu nome. Era só uma professora e as turmas eram juntas. Tínhamos dois cadernos, um quadriculado para matemática e o outro de português. - Nas aulas, tínhamos só matéria, não lembro de nada diferente.

<p>Década de 80 Aluno D:</p>	<p>- Marcante não foi, porque a gente não estudou muita coisa, porque era tudo junto, era da 1ª série à 5ª série, tudo em uma sala só. Daí as pessoas cuidavam mais das coisas dos outros, porque sempre tinha barulho. Era tudo encostado, era umas 40, 50 mesinhas, todas encostadas. Daí era só um quadro e era tudo escrito no mesmo quadro. A professora fazia uma marcação, escrevia pra 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, tudo no mesmo quadro. Depois, quando eu ia na 3ª série, tu olhava lá e escrevia até errado. Pegava coisas da 4ª série que era do lado. Era tudo em um quadro só, era um quadro grande, mas era pras cinco turmas, não era bom.</p>
<p>Década de 90 Aluno E:</p>	<p>- Assim, Josi, que eu lembre era tudo bem no livro, hoje português; amanhã matemática. A matéria era baseada no livro, fazia exercícios, temas para casa, no outro dia corrigia, daí outra matéria. Eu não lembro, assim, que era estudada uma matéria e feito alguma coisa baseada em cima, que nem hoje as crianças fazem, na roça, ou vão conhecer coisas relacionadas àquele assunto, que eu lembre não era assim. Era mais focado no livro, passava a matéria, a profe explicava exercícios, temas e deu. Não era assim, estamos estudando isso, vamos lá naquele lugar ver aquilo.</p>
<p>Década de 2000 Aluno F:</p>	<p>- As aulas eram tanto teóricas como práticas, fomos visitar o rio, recolher lixos da rua, criamos uma aranha em aquário, pausa... Fazíamos pequenas tarefas domésticas, que era tipo ajudar às vezes na limpeza da escola, tipo varrer a sala, fazer chima, passar pano na mesa, isso.</p> <p>- Sim, tanto nas tarefas domésticas, como na educação pessoal e acadêmica.</p>
<p>Década de 2010 Aluno G:</p>	<p>- Sim, foi marcante, a questão da alfabetização, pausa... aprendi muitas coisas e a interagir com outras pessoas.</p> <p>- Sim, lembro que sempre era comentado que educação vem de casa e que a escola é um complemento da educação. Os professores nos falavam para respeitar os pais e os outros e que a gente tava ali para aprender.</p>

Fonte: Respostas dos ex-alunos à categoria 2.

Ao analisarmos as respostas no quadro 5, podemos ver que o aprendizado para a maioria dos ex-alunos era muito focado em disciplinas, principalmente em português (linguagens) e matemática. Como as turmas eram multisseriadas³¹, os sujeitos trazem

³¹ Turmas constituídas por alunos de séries diferentes.

em suas falas que era bem complicado estudar e se concentrar em uma turma com vários alunos, em diferentes níveis de aprendizagens. Segundo a aluna E 90, as aulas eram baseadas em livros e não fugiam muito disso.

Algo que me chamou atenção ao realizar a entrevista foi quando o aluno D 80 traz situações em que lembra que o quadro era o mesmo para variadas turmas. Assim o conteúdo disponibilizado para cada turma era dividido por colunas em um mesmo quadro. Dessa forma, muitas vezes, ele acabava copiando o conteúdo dos colegas de outras turmas.

Os alunos B 60, C 70 e E 90 trazem que não lembram de momentos que fugiam de exercícios, ou seja, o conteúdo era escrito no quadro, ou estudado a partir de livros, para após serem feitos exercícios sobre os assuntos trabalhados. De tal modo, os assuntos tratados em aula não partiam da realidade dos educandos, pois aprendiam somente a ler e escrever, como também se limitavam a apenas fazer contas. Assuntos sobre a comunidade e tudo que a cerca não eram estudados, deixando assim as características de uma escola de campo de lado. Segundo Panho (2017, p.5),

Diante da LDB é preciso ressignificar a Educação do Campo, dando sentido e utilidade aos assuntos trabalhados em sala para a vida cotidiana dos alunos em suas casas. Mas, para que isso se concretize, é necessário que o currículo e as metodologias sejam alterados de acordo com as necessidades de cada lugar e sociedade.

Entendendo que o nosso país é muito grande, a educação do campo de cada localidade é muito particular, assim o modo de vida do povo do Sul se distancia muito do modo de vida das pessoas que residem no Norte, por exemplo. Dessa forma, devemos levar em conta as particularidades de cada localidade, para que ela possa ser respeitada em sua totalidade.

Os alunos F 2000 e G 2010 trazem outra ideia do que vemos nas respostas dos alunos das décadas anteriores. Em suas respostas, mostram que para eles o aprendizado se relacionava sim com o seu cotidiano, onde eram propostas atividades diferentes das que conhecemos, fugindo assim do tradicional, focado em disciplinas.

No quadro 6, vemos as respostas para as perguntas da categoria 2, essas realizadas com os ex-professores. As perguntas elaboradas buscam compreender as visões dos sujeitos sobre a didática utilizada, sobre o aprendizado e a avaliação que utilizavam.

Quadro 6 - Qual didática utilizava para a aprendizagem dos alunos? Acredita que ela funcionava para o aprendizado de ambos?

Perguntas para os ex professores	<p>Qual didática utilizava para a aprendizagem dos alunos? Acredita que ela funcionava para o aprendizado de ambos?</p> <p>O aprendizado se encontrava com as necessidades e realidades dos educandos? Por quê?</p> <p>Qual o modo de avaliação utilizado para avaliar a aprendizagem dos alunos?</p>
	RESPOSTAS:
Década de 50 Professora falecida	
Década de 60 Professora B	<p>- Era 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries. A 1ª série era leitura, aprender desenhos e histórias; depois a 2ª série também histórias e até ciências e, nas 4ª séries, também, matemática, linguagens, história, ciências, desenho, tudo assim, como normal. E também religião, daí uma vez por mês vinha uma freira, e o pastor me deu um livrinho pra ensinar o Pai Nosso, sabe.</p> <p>- Em casa eles já vinham com a educação dos pais, bem educados, eram muito educados. Eu, com meus alunos, o mesmo carinho e a mesma alegria. Eu tinha um aluno. Ele tava nervoso. Antes da escola terminar, ele dizia: “ai professora eu vou pra casa, tô com saudades, eu vou pra mãe”. Daí um dia, a mãe dele perguntou, “por que tu já veio pra casa, a escola não terminou ainda”. “Ah mãe, eu tinha medo da professora”. Risadas.</p> <p>- Teste, com prova, nenhum aluno insuficiente no fim do ano. As provas iam todas para a Smec³² na prefeitura, tudo, tudo. Eles tinham que aprovar o que eu fiz e o que foi aplicado. Hoje não é mais assim. Eu corrigia e daí enviava para eles. Ia junto com o boletim no fim do mês.</p>
Década de 70 Professor C	<p>- Procurei sempre, principalmente em matemática, representar, trazer produtos de casa, se você quer ensinar 5+5, então cinco goiabas mais cinco goiabas, dá dez goiabas. Eu dava muito problema, muita matemática. Como lá é de origem alemã, era uma dificuldade muito grande na dicção e nas trocas de letras. Eu trabalhava bastante</p>

³² Secretária Municipal de Educação e Cultura.

	<p>português e matemática, matemática do dia a dia, para não ser enganado pelo troco, para ir às compras, me preocupava bastante com isso. Muitas coisas palpáveis, nunca só verbalmente. Mostrava figuras, até porque muitos só entendiam alemão. Nas primeiras séries, chegavam alunos que não sabiam dar “bom dia” em português e eu não entendia alemão. Talvez isso foi a sorte, porque senão eu ia acabar falando alemão com eles também e eles não aprenderiam a falar o português.</p> <p>- Eu acho que sim. Como era uma escola de difícil acesso, a gente conseguia através da amizade, o primeiro objetivo era que eles aprendessem o português corretamente. Preparar para a vida, não só saber um pouco mais de geografia e história, isso também é importante. Há coisas que ficam em segundo plano, dava prioridade para coisas do dia a dia deles.</p>
<p>Década de 80 Professora D</p>	<p>- A aprendizagem era feita através da memorização, baseada no tipo passivo para o receptor. Os alunos decoravam e reproduziam como máquinas na hora da avaliação.</p> <p>- Não, porque não se respeitava a realidade na qual a escola estava inserida. Com o passar do tempo, começou a surgir a parte diversificada.</p> <p>- A avaliação era utilizada simplesmente para ver o desempenho do aluno, tendo como único objetivo verificar erros e acertos, através de prova objetiva. O registro era feito no diário de classe. Não se preocupava com a compreensão que na época desempenhava um papel muito reduzido.</p>
<p>Década de 90 Professor E:</p>	<p>- Utilizava uma didática mista, com ensino tradicional e livro didático, bem como construtivista (muito falado na época), com experimentos, observações, aplicação prática de teorias. Utilizava bastante diálogo com os alunos, bem como traziam suas dúvidas pessoais de assuntos que não tinham abertura com os pais.</p> <p>- Acredito que sim, pois é o que sempre se tentava e ainda se tenta fazer. Como citei na questão anterior, os alunos traziam suas curiosidades, angústias, assuntos variados, suas sapequices/o que aprontavam e, com isso, eu tinha uma infinidade de oportunidades para orientar,</p>

	<p>questionar, explicar, conversar, indo ao encontro de suas necessidades ou realidade, sendo muitas vezes o adulto que podiam compartilhar com confiança. Às vezes, alguns alunos precisavam chegar mais tarde por terem que ajudar os pais em tarefas, se deslocar a pé para ir ao centro/cidade... eu compreendia as situações pelos quais os alunos e pais passavam e não repreendia por terem se atrasado e, ao contrário, dava a atenção e explicação necessária no momento.</p> <p>- O professor percebe o aprendizado e as dificuldades dos alunos. Baseava-me no dia a dia da sala de aula, mas também utilizava instrumentos como provas, trabalhos, ditados, redações... para ter comprovantes para caso alguém questionasse.</p>
<p>Década de 2000 Professora F</p>	<p>- Primeiramente pensa-se e conhece-se a realidade vivida dos alunos, no seu cotidiano familiar, após transfere-se para o ensino em sala de aula. Acredito, sim, que com o conhecimento da realidade de cada criança o aprendizado é muito mais produtivo e construtivo.</p> <p>- Sim, com o convívio da realidade dos alunos é possível tornar o aprendizado mais eficaz.</p> <p>- A avaliação é realizada continuamente e diariamente através dos estímulos e das demonstrações do aprendizado, através de observações orais e escritas.</p>
<p>Década de 2010 Professora G</p>	<p>- Eu gosto de trabalhar através de projetos e sequências didáticas. Acredito muito em um trabalho interdisciplinar, assim pode tornar as aulas mais significativas, interessantes e prazerosas.</p> <p>- Sim, sempre busquei trabalhar a realidade dos alunos e da localidade, pois é extremamente importante e significativo para eles. A aprendizagem se torna mais prazerosa e eficaz. No início, era um pouco mais complicado, pois as turmas eram multisseriadas, mas, a partir do ano de 2017, passou a ser por ano. Apesar de que sempre estamos envolvidos em trabalhar.</p> <p>- A avaliação é um processo contínuo. Os alunos podem ser avaliados de diferentes formas, através de uma conversa, de pesquisa, cadernos, trabalhos avaliativos. Enfim, há infinitas possibilidades.</p>

Fonte: Respostas dos ex-professores à categoria 2.

Analisando as respostas dos ex-professores, no quadro 6, podemos ver que esse cuidado em trabalhar assuntos relacionados ao cotidiano fica mais evidente a partir das respostas das professoras E 90, F 2000 e G 2010, as quais relatam que buscavam trabalhar com a realidade dos educandos, pois o aprendizado se tornava mais prazeroso e eficaz; também escutavam o que os alunos tinham para dizer, sendo essa uma forma de orientação e parceria entre eles.

As respostas do professor C 70 me chamaram atenção. Ele traz que priorizava assuntos dos quais as crianças necessitavam, ou seja, trabalhava assuntos como primeiramente a falar o português corretamente, porque, como ele mesmo traz: *“alguns alunos vinham de casa sem falar nenhuma palavra em português e, como ele não sabia falar alemão, as crianças deveriam se adequar à língua que era falada na escola”*. Também priorizava contos que seriam realizadas no dia a dia, que realizariam se fossem ao mercado, por exemplo. Já, a professora D 80 traz uma concepção que ainda é muito atual nas realidades das escolas de campo. Ela alega que a realidade dos alunos não era respeitada. Segundo Matos e Rocha (2020, p.19):

A proposta pedagógica precisa estar pautada em atividades curriculares e pedagógicas direcionadas para um projeto de desenvolvimento sustentável. Por isso, o currículo da Educação do Campo deve ser construído no contexto histórico de luta dos movimentos sociais do campo.

Ela também traz em sua fala que *“a aprendizagem era feita através da memorização, baseada no tipo passivo para o receptor. Os alunos decoravam e reproduziram como máquinas na hora da avaliação”*. Com isso, podemos pensar em como o aluno não era respeitado, visto que a aprendizagem era focada na memorização, sem ao menos saber se o aluno havia ou não realmente aprendido. Segundo Freire (2013, p.37), *“dessa maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante.”*

Essa concepção de ensinar apenas através de livros e a partir da memorização sempre foi vista com bons olhos pela sociedade e até mesmo pelos próprios educadores, em que propor atividades diferentes, onde as crianças não precisem ficar sentadas em cadeiras, apenas escrevendo e copiando é vista, muitas vezes, como *“deixar as crianças livres demais”*, ou como já escutei muito no município onde eu moro: *“vocês não estão aprendendo nada na escola?”* Essa, na maioria, dita pelas próprias famílias ao olharem os cadernos das crianças.

Essa forma de ensinar já está ultrapassada e sabemos que ela não é tão eficaz como inserir as crianças na aprendizagem, proporcionando-lhes que pensem, reflitam e, acima de tudo, saibam ir atrás do conhecimento, não esperando tudo pronto e mastigado pelo professor. Dessa maneira, trago um excerto o qual acredito se encaixar bem ao que acabei de trazer,

[...] a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 2013, p. 37)

Assim, acredito que além de nós professores mudarmos a nossa prática, cabe à escola como um todo introduzir essa maneira também para as famílias, para que elas possam entender que o modo ensinado, há alguns anos, talvez não funcione mais. Desse jeito, precisamos nos renovar a todo o momento e a toda hora, buscando, assim, outros meios e outras formas para alcançar as crianças nas suas particularidades.

Na pergunta “Qual era o modo de avaliação que utilizava para avaliar o aprendizado dos alunos?”, a professora B 60 traz que o meio avaliativo era feito a partir de provas. Essa fala também se repete na da professora D 80, porém ela alega que “*não se era preocupado com a compreensão que na época desempenhava um papel muito reduzido*”. As professoras E 90, F 2000 e G 2010 além de desenvolverem provas, também trazem que realizavam as avaliações, continuamente, levando assim em conta a evolução das crianças.

Para mim, esse método seria o mais adequado, pois, na maioria dos casos, o aluno apenas memoriza para fazer a prova, mas na verdade não entendeu o que foi trabalhado. Acredito assim que avaliação deve ser constante, levando sempre em conta a evolução dos meninos e das meninas, lembrando também que cada um possui um modo e um tempo diferente para aprender.

Na próxima categoria, veremos as respostas para a categoria 3, “A escola deve ser de fácil acesso para os educandos”. As perguntas foram elaboradas, pensando na acessibilidade da escola.

6.1.3 Categoria 3: A escola deve ser de fácil acesso para os educandos

Na categoria 3, as perguntas foram elaboradas para entender como as crianças se deslocavam para a escola e se o acesso até ela era fácil.

Quadro 7 - Era fácil chegar à EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling?

Perguntas para os ex-alunos e ex-professores.	Era fácil chegar à EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling? Como você se deslocava à escola?
	RESPOSTAS:
Década de 50 Aluno A: Professor A:	A 50: Sim, eu ia a pé, com tamancos ³³ . P 50: Falecida.
Década de 60 Aluno B: Professor B:	A 60: Uhh, como era fácil, a pé, pés descalços... risadas. Não era que nem hoje. Hoje pega a condução em casa. Antigamente, era só a pé; em dias de chuva, às vezes, a gente falhava. P 60: De ônibus, o meu irmão Eugênio tinha empresa. Depois, quando o ônibus não vinha mais, antes ele ia de manhã e voltava de noite, depois parou, não sei por quê. Ia uma Kombi. Morei na Alice Dullius. Eu nem tinha comido direito e a Kombi já tava lá. Então fui ficando meio fraca. Fui ao médico. Ele disse que eu estava desnutrida. Fiz o seguinte: levava ovos e pães, à escola e às 10h, 10h30min eu comia lá.
Década de 70 Aluno C: Professor C:	A 70: Era um trajeto de 20 minutos. Quando chovia, às vezes, a professora não vinha, porque pra ela também era longe para vir. E quando ela não vinha, a gente tinha que voltar pra casa. Ah, também nesse trajeto eu parava em uma vizinha, daí eu tomava água, porque não tinha garrafinha... Respiração profunda... sabia que a minha sacola, era um saco plástico? A pé, com a companhia do irmão e dos vizinhos que iam para a escola também.

³³ Segundo o Wikipédia, tamanco é a denominação de um tipo de calçado rústico, geralmente de couro grosseiro e base de madeira, mas sobre o qual cabem vários subtipos.

	<p>P 70: Como falei acima, a escola era de difícil acesso. Eu morava em Portão, andava aproximadamente 17 km de carro. Tinha que atravessar o rio cadeia, pela famosa pinguela; depois caminhar 1h e 15min com o passo acelerado. Chegava lá e já tinha uma bacia e uma toalha para a gente se lavar, porque chegávamos suados. Ressalto que a estrada era 90% de terra.</p>
<p>Década de 80 Aluno D: Professor D:</p>	<p>A 80: Ali era fácil, porque eu morava do lado, risadas. Era 20 metros, era só pular a cerca, saía da minha casa, era pertinho. Mas claro, pros meus colegas, a estrada era tudo barro, vinham a pé, a maioria cortava caminho e vinha pela roça.</p> <p>P 80: Todas as escolas deveriam ser de fácil acesso. Antigamente, era muito difícil chegar à escola, principalmente em dias de chuva. Não havia ônibus.</p>
<p>Década de 90 Aluno E: Professor E:</p>	<p>A 90: Sim, caminhávamos em grupo, a pé na ida e na volta.</p> <p>P 90: Para alguns, sim e, para outros, não. Alguns moravam perto da escola; outros aproveitavam o transporte escolar que ia para Hortêncio e, ainda, tinham os que moravam longe, tinham que vir a pé, pois não podiam aproveitar o transporte escolar pelo fato de o trajeto do transporte ser o contrário do trajeto do aluno.</p> <p>Inicialmente, me deslocava a pé por morar perto, bem como, não ter e não saber utilizar meio de transporte, mesmo que o horário ficava apertado, pois trabalhava em outra escola também (pela manhã trabalhava no Arroio Bonito, e voltava com o transporte escolar que levava os alunos do turno da tarde para Hortêncio, chegando em casa por volta de 12h30min. Almoçava rapidamente e já saía para a Escola Leopoldo). Este horário apertado foi o que mais me motivou para aprender a dirigir e comprar meu carro próprio. Assim que consegui adquirir meu carro, facilitou o deslocamento, tendo mais tempo em um turno e outro.</p>
<p>Década de 2000 Aluno F: Professor F:</p>	<p>A 2000: Sim. Quase sempre a pé, às vezes, de carro.</p> <p>P 2000: Antigamente a maioria dos alunos morava nas redondezas da escola e o transporte era a pé, apesar que muitos caminhavam uma boa distância. Hoje vou de carro, pois moro em outro município.</p>

<p>Década de 2010</p> <p>Aluno G:</p> <p>Professor G:</p>	<p>A 2010: Sim, era muito fácil. Às vezes, a pé e, em dias de chuva, de ônibus.</p> <p>P 2010: É um pouco distante de onde eu moro. Preciso usar um meio de transporte para chegar à escola. Vou de carro.</p>
--	--

Fonte: Respostas dos ex-alunos e ex-professores sobre à categoria 3.

Quando pensamos em difícil acesso, logo pensamos nas crianças que encontravam dificuldades para irem à escola, mas poucos enxergam que os professores de décadas passadas também possuíam muitas dificuldades para chegar à escola, assim como traz o professor C 70 o qual relata que andava de carro alguns quilômetros e ainda realizava o resto do trajeto a pé. As estradas eram todas de chão batido, dificultando ainda mais o caminho à escola. Quando chovia, tornava-se quase impossível chegar até a mesma. Segundo o Panorama da Educação do Campo (BRASIL, 2007, p. 33):

No caso específico da área rural, além da baixa qualificação e dos salários inferiores aos da zona urbana, eles enfrentam, entre outros problemas, sobrecarga de trabalho, alta rotatividade e dificuldades de acesso à escola, em função das condições das estradas e da falta de ajuda de custo para locomoção.

Olhando para hoje em dia, tudo está muito mais prático e acessível, há transporte escolar em quase todos os lugares e os carros se tornaram muito mais populares entre as famílias brasileiras. Percebemos isso, analisando as últimas respostas trazidas pelos ex-alunos entrevistados F 2000 e G 2010. Além disso, a estrada é asfaltada, facilitando o trajeto até a escola, como aborda a Constituição Federal de 1988, no subtítulo “Escola de Campo: Categorias de Análise”, no tópico 4.3.3 denominado “A escola deve ser de fácil acesso para os educandos”. Em 2007, foi criado o programa Caminho da Escola, pela resolução nº 3, de 28 de março de 2007, onde;

Seus objetivos são renovar a frota de veículos escolares, garantir segurança e qualidade ao transporte dos estudantes e contribuir para a redução da evasão escolar, ampliando, por meio do transporte diário, o acesso e a permanência na escola dos estudantes matriculados na educação básica da zona rural das redes estaduais e municipais. (BRASIL, 2007).

Dando continuidade à análise, agora com a aluna C 70, que traz em sua fala algo que considero interessante destacar. Ela conta que *“o trajeto que fazia levava uns 20 minutos e, quando chovia, às vezes, a professora não vinha, porque para ela também era longe para vir. E quando ela não vinha, a gente tinha que voltar pra casa”*. Essa fala, retrata algo muito comum em escolas de campo daquela época. Muitos professores não possuíam transporte para se locomover. Assim deviam ir a pé para o seu local de trabalho, porém, quando chovia, o trajeto se complicava mais ainda, impossibilitando o professor de chegar à escola. Da mesma forma, se o professor não fosse trabalhar, as crianças não teriam aula, pelo simples fato de não haver substituto como há nas escolas de hoje em dia.

As alunas E 90 e C70 trazem que se deslocavam até a escola a pé, em grupos. Assim a comunidade combinava para poderem ir juntos ao colégio.

Podemos ver então que chegar à EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling não era nada fácil, além de não haver transporte escolar para as crianças, as estradas de chão batido também não ajudavam. Para os meninos e as meninas daquelas épocas, como também para os docentes, ir à escola era cansativo e difícil. Por isso hoje em dia isso é algo tão significativo para eles, contrapondo assim as facilidades que possuímos nos dias atuais.

Na próxima categoria, explano o papel da escola na comunidade, trazendo assim as respostas dos ex-alunos e ex-professores a categoria 4.

6.1.4 Categoria 4: Escola engajada com assuntos da comunidade

No quadro 8, vemos as respostas para a pergunta: “Como era o papel da escola na comunidade?”, para que, a partir dela, possamos compreender a participação da comunidade na escola.

Quadro 8 - Como era o papel da escola na comunidade?

Perguntas para os ex-alunos e para os ex-professores.	Como era o papel da escola na comunidade?
	RESPOSTAS:
Década de 50 Aluno A: Professor A:	A 50: Às vezes, tinha festa... P 50: Falecida.
Década de 60 Aluno B: Professor B:	A 60: Não era que nem hoje. Hoje as escolas fazem promoções pra arrecadar fundos. Naquele tempo, não era assim. P 60: 100 %, não tinha problema nenhum.
Década de 70 Aluno C: Professor C:	A 70: Não tinha festa. Só apresentações que a gente fazia para os pais, como nos dias dos pais e dia das mães. P 70: O relacionamento era bem distante. Eu confesso: o lugar era de renda per capita baixa. Muita gente trabalhava até em finais de semana para garantir o sustento. Às vezes, acontecia de até um aluno faltar aula para ajudar em uma colheita. Não faziam festas, pois o acesso era muito difícil para as cidades vizinhas. Era bem distante: escola e comunidade.
Década de 80 Aluno D: Professor D:	A 80: Naquela época, tinha o nosso São João, mas era só para os alunos. A gente enfeitava um pouco a escola, o corredor, a sala ali dentro. A gente, a maioria das vezes, fazia dentro da sala, trazia de casa umas pipocas, isso a gente fazia, mas coisas a professora mesmo fazia. P 80: Sempre houve bastante participação da comunidade, que era uma ação bastante positiva.
Década de 90 Aluno E: Professor E:	A 90: O que eu mais lembro são as festas juninas que a gente fazia, o casamento caipira, lá embaixo no galpão velho, que hoje não existe mais, que era ao lado da Igreja. P 90: A escola emprestava materiais e utensílios para as ações e festividades da comunidade. Por um tempo, uma sala era ocupada para a catequese. As professoras, aos sábados de Campanha de

	<p>Vacinação, faziam a vacinação (de gotas) nas crianças da comunidade e, mais tarde, passou a ser feita pelas equipes de saúde do município, mas a escola sendo o local para a comunidade receber a aplicação.</p> <p>Muitos assuntos e problemas da comunidade eram trabalhados na escola e, por meio dos alunos, tentava-se atingir a conscientização da comunidade.</p>
<p>Década de 2000</p> <p>Aluno F:</p> <p>Professor F:</p>	<p>A 2000: Era importante, com grande participação da comunidade escolar em comemorações, também, eventos e apresentações.</p> <p>P 2000: A escola sempre foi muito importante para a comunidade. Os pais sempre colaboram com as necessidades da mesma.</p>
<p>Década de 2010</p> <p>Aluno G:</p> <p>Professor G:</p>	<p>A 2010: O papel que a escola exerce é muito importante. Hum, nos trouxe aprendizagem e entrosamento...</p> <p>P 2010: Como a escola não é muito grande em número de alunos, parece que as famílias e comunidade acabam se envolvendo mais, tanto é que em alguns eventos da escola, muitas pessoas da comunidade são convidadas para participar, principalmente familiares dos alunos, como, por exemplo, os avós. Também sempre são realizados projetos que envolvem pesquisa na comunidade. Pessoas da comunidade são convidadas a vir à escola participar com relatos de experiência.</p>

Fonte: Respostas dos ex-alunos e ex-professores à categoria 4.

Como vemos no quadro 8, a relação da escola com a comunidade, segundo 7 sujeitos, incluindo alunos e professores, sempre foi muito boa, principalmente a partir da década de 80.

Os ex-alunos A 50, C 70, D 80 e E 90 associam a relação da escola com a comunidade apenas avaliando se haviam ou não festividades, mas, como já vimos no decorrer do trabalho, a relação entre ambas vai muito além. As escolas devem ser referência para a comunidade, sendo ela um espaço muito além de apenas um prédio localizado no município. A escola deve estar e ser disponível para a comunidade, pois ela é pertencente daquele espaço, refletindo assim os costumes e valores da sociedade onde ela está inserida.

Uma fala que gostaria de destacar é a da professora E 90 a qual traz que

“a escola, em muitas ocasiões, emprestava materiais para as festividades da comunidade, como também disponibilizava salas para que pudessem ser dadas aulas de catequese. Ela também fala que o prédio era cedido para as campanhas de vacinação e, por último, salienta que muitos problemas da comunidade eram trabalhados com os alunos, para que, dessa forma, a comunidade pudesse ser conscientizada como um todo”.

Essas da professora E 90 fazem-me acreditar que essa maneira apresentada por ela seria a mais adequada para haver um bom funcionamento entre ambas, onde escola e comunidade possam contar uma com outra, envolvendo assuntos importantes para as pessoas que moram nessa comunidade.

A professora G 2010 traz que *“como a escola não tem muitos alunos, a aproximação entre a comunidade e a escola é mais fácil”*. Acredito que isso aconteça pelo fato de que assim a escola consiga acompanhar mais individualmente as famílias, envolvendo cada uma delas em assuntos sobre a escola. Desse modo, muitos *“familiares se envolvem em eventos e a presença dos avós é algo muito forte em apresentações e festejos da escola”*. Ainda sobre a fala da professora G 2010, destaco quando ela traz que *“em muitos momentos, são convidados personagens que compõem a comunidade para relatar suas experiências, agregando dessa forma ao assunto que está sendo estudado”*. Assim,

[...] é imprescindível que ocorra integração entre a escola e a comunidade atendida, com reconhecimento e valorização dos saberes extracurriculares e efetivação de parcerias no trabalho educativo, atingindo o maior contingente de pessoas em sua área de localização. Devemos considerar que todos os participantes do processo educativo têm a capacidade de elaboração proposta para a melhoria da educação. (BEZERRA et al., 2010, p. 282)

Essa ação de trazer os próprios sujeitos da comunidade para falar sobre um assunto pertinente ao contexto escolar sempre me fascinou. Acredito ser esse um ótimo modo de introduzir a comunidade na escola, mostrando assim que a escola está aberta para que as pessoas da comunidade possam compartilhar os seus saberes com as crianças. Proporcionar essas vivências, a meu ver, torna o aprendizado mais significativo e, ao mesmo tempo, mostra para o sujeito convidado que ele é importante para o meio em que ele está inserido.

No quadro a seguir, apresento as respostas para a categoria 5, com a pergunta “Como acontecia a relação professor e aluno? Confesso que essa categoria é a mais

esperada por mim, pois sempre possuí muito interesse em conhecer como era o relacionamento entre ambos, nas décadas passadas.

6.1.5 Categoria 5: Relação professor e aluno

Nessa categoria, encontram-se as respostas dos sujeitos para a pergunta: “Como acontecia a relação professor e alunos?”, para assim compreender como acontecia essa relação nas décadas pesquisadas.

Quadro 9 - Como acontecia a relação professor e aluno?

Perguntas para os ex-alunos e ex-professores.	Como acontecia a relação professor e aluno?
	RESPOSTAS:
Década de 50 Aluno A: Professor A:	A 50: Tinha castigos quando merecia, de se ajoelhar em frente ao quadro. P 50: Falecida.
Década de 60 Aluno B: Professor B:	A 60: Eu gostei muito dele assim. Ele brincava com nós na hora do recreio. A gente tinha um campinho de futebol. Tu conhece o caçador? Esse nós jogava ali do lado da escola. Isso foi até em uma lombinha assim, e na frente à escola tinha um pátio, mais ou menos isso aqui. (Mostrou com as mãos o tamanho do pátio de sua casa). A bola que nós tinha, sabe como é que era? Era uma meia, aquelas meias-calças que as mulheres usam. Era cortada e era enrolada com um pano ali dentro. A gente fazia uma bola com isso. Essa era a nossa bola de brincar de futebol e caçador também. Não era que nem hoje, bola de futebol, assim. Às vezes, era difícil. Graças a Deus eu nunca ganhei castigo, mas uns guris tiveram que se ajoelhar em cima do milho. P 60: 100 %, nunca tive nenhum problema com os alunos. A gente entrava na escola, a gente cantava, rezava, tudo isso e, no final também. Quando vinha a diretora da SMEC, ensinei um canto pra eles, pra eles cantarem e ela adorou.

<p>Década de 70</p> <p>Aluno C:</p> <p>Professor C:</p>	<p>A 70: Os meus colegas recebiam castigos, como se ajoelhar em frente ao quadro, mas eu nunca recebi castigos.</p> <p>O professor ajudava a brincar de caçador no recreio.</p> <p>P 70: Os alunos iam à escola preparados para respeitar o professor. A gente era como se fosse o segundo pai. Eles tinham confiança em nós. Não éramos só um professor, mas também um grande amigo. Para mim isso é o principal. Naquela época, destaco a pureza, bondade, delicadeza dos alunos comigo, metade deles trazia uma merenda para o professor, nem que fosse uma bergamota, mas eles dividiam a merenda com o “professor”, como eles mesmos diziam.</p> <p>Hoje em dia é muito triste ver como as coisas estão. Se facilitar, os alunos entram armados nas escolas. Precisa ter um guarda no portão pra ver se eles não têm um revólver ou uma faca. O professor pode estar trabalhando e levar uma pedrada nas costas. Isso é muito triste.</p>
<p>Década de 80</p> <p>Aluno D:</p> <p>Professor D:</p>	<p>A 80: Não, ela era muito boa pra nós. Ela não dava castigo. Ela era, como vou dizer, “light”, né. Ela era tranquila, também não tinha como dar castigo, tava com cinco turmas diferentes né, 1ª até a 5ª séries, tudo junto. Ela não tinha como dar atenção pra todo mundo. Era ruim pra ela. Ela não podia fazer nada melhor, com todo esse pessoal, era demais, pra uma professora só.</p> <p>P 80: Era uma relação imposta, onde o professor era visto como dono do saber e o aluno era um simples objeto passivo e tinha como função apreender aquilo que o professor transmitia. A relação professor e aluno acontecia na base do medo, respeito, imposição.</p>
<p>Década de 90</p> <p>Aluno E:</p> <p>Professor E:</p>	<p>A 90: O que eu lembro que acontecia era que a professora dava um “xingão” para os colegas mais arteiros. Resolvia um pouco. Que eu lembre nunca dava castigos. Dava um “xingão” em nós e deu. Era um bom relacionamento. Quando tava errada, ela engrossava um pouco a voz para o aluno saber a real situação.</p> <p>P 90: Era muito tranquila. Tínhamos uma relação de amizade com respeito, com muito diálogo. Não lembro de ter que levantar a voz com algum aluno, nesta escola, por desrespeito aos professores ou briga entre alunos.</p>

Década de 2000 Aluno F: Professor F:	A 2000: Tínhamos um bom relacionamento com todas as professoras, respeitávamos e éramos respeitados. P 2000: O professor foi um personagem muito importante, criava-se um vínculo de afeto, carinho e respeito.
Década de 2010 Aluno G: Professor G:	A 2010: Nossa profe era muito legal, dedicada e amiga. P 2010: Tenho uma experiência em que a relação professor e aluno é muito boa. Sempre construindo laços de afeto, assim o trabalho educativo tem resultados ainda mais positivos.

Fonte: Respostas dos ex-alunos e ex-professores à categoria 5.

Desde o princípio essa é a característica que mais me chama atenção, pois sempre tive muita curiosidade para conhecer e compreender como era essa relação nas décadas passadas. Assim, essa categoria tornou-se indispensável para dar continuação ao meu trabalho de pesquisa.

A professora D 80 traz em sua fala que “o aluno era um simples objeto passivo e tinha como função apreender aquilo que o professor transmitia. A relação professor e aluno acontecia na base do medo, respeito, imposição”. Para enfatizar a fala da professora D, trago uma citação de Paulo Freire, retirada de sua obra *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2013, p. 41):

Mas, se para a concepção “bancária”, a consciência é, em sua relação com o mundo, esta “peça” passivamente escancarada a ele, a espera que entre nela, coerentemente concluirá que ao educador não cabe nenhum outro papel que não o de disciplinar a entrada do mundo nos educandos. Seu trabalho será, também, o de imitar o mundo. O de ordenar o que já se faz espontaneamente. O de “encher” os educandos de conteúdo. É o de fazer depósitos de “comunicados” – falso saber – que ele considera como verdadeiro saber.

Isso trazido pela professora D 80 retrata algo bem comum em décadas passadas, nas quais o professor era visto como o único detentor de conhecimentos, sendo ele autoridade máxima em sala de aula, não podendo assim ser contestado pelos alunos. O único papel das crianças era “absorver” o que era dito pelo educador, não se importando assim se o aluno havia ou não realmente compreendido o que foi trabalhado.

Confesso que sempre ouvi de meus avós e de meus pais que o professor aplicava castigos físicos e usava de sua autoridade com as crianças se elas

apresentassem algum comportamento considerado inadequado aos olhos dos educadores. Assim, acreditava que esse comportamento era comum na grande maioria dos professores daquelas épocas. Porém, a professora B, da década de 60, trouxe o contrário. Ela aponta que a *“relação com os alunos era 100%”*. Assim também, o professor C 70 traz *“que os alunos eram bem educados e respeitavam o professor, como se fosse um segundo pai”*. As professoras E 90, F 2000 e G 2010, também, compartilham da mesma experiência das épocas que lecionavam:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 2013, p. 44).

Já, os alunos A 50 e C 70 trazem que na sua época havia sim castigos físicos, como se ajoelhar em frente ao quadro e também em cima de milhos. A meu ver, esse era o modo que os professores daquela época encontravam para demonstrar a sua superioridade perante as crianças, sendo esse um modo equivocado, onde os alunos tinham medo dos professores e não respeito. O respeito deve ser conquistado todos os dias, primeiramente enxergando o outro, entendendo que ele, sim, está ali para aprender, mas isso não significa que o professor é o detentor da verdade e o que a criança traz é insignificante, uma vez que a criança traz consigo vivências e são essas vivências que tornam cada ser humano tão particular e único.

No quadro 10, dando continuidade à análise, encontram-se as respostas para a pergunta: “Como acontecia a relação da família com a escola?” para a última categoria, “Relação Família e Escola”. A pergunta foi elaborada com o objetivo de compreender como acontecia essa relação nas épocas pesquisadas, pois essa se torna cada vez mais importante para um bom andamento de todo processo escolar.

6.1.6 Categoria 6: Relação família e escola

Nessa categoria, os sujeitos entrevistados responderam como acontecia a relação da família com a escola no tempo em que estudavam ou lecionavam.

Quadro 10 - Como acontecia a relação da família com a escola?

Perguntas para os ex-alunos e para os ex-professores.	Como acontecia a relação da família com a escola?
	RESPOSTAS:
Década de 50 Aluno A: Professor A:	A 50: De vez em quando, os pais iam lá. Mas era pouco. Na maioria das vezes, a gente mesmo levava pra casa o boletim. A gente ganhava e levava. P 50: Falecida.
Década de 60 Aluno B: Professor B:	A 60: Olha, eu acho que a gente recebia o boletim. Eu acho que nem o pai e a mãe eram convocados pra pegar o boletim, tipo hoje em dia, os pais pegam o boletim para ter uma reclamação, algo a dizer pro pai como o filho se comporta. P 60: Os pais comigo? Não tinha problema. Eu fazia reuniões com eles, todos os meses.
Década de 70 Aluno C: Professor C:	A 70: Mais no final do ano, os pais iam para a escola, para reuniões. Acho que era uma vez por ano só, para receber o boletim. P 70: A gente conversava através de reuniões. No decorrer do tempo, foi criado um Círculo de Pais e Mestres, onde tinha uma diretoria. Eles vinham para a gente conversar, trocar ideias, mas eles pouco falavam. Diziam que o professor sabia o que fazia, que estavam muito felizes com o meu trabalho. Era mais o contato pessoal. Não tinha muita troca de experiência. A gente explicava o que estava tentando fazer, da melhor maneira possível. Eles mais escutavam do que falavam. Mas essa era uma maneira da gente passar o que a gente tinha vontade de alcançar, os principais objetivos. Claro, estou falando de mim.
Década de 80 Aluno D: Professor D:	A 80: Se tu não passava de ano, daí os pais precisavam ir pra lá. Ela conversava com os pais então. P 80: Para as famílias, o professor era uma figura sagrada, atribuíam toda a confiança nele. Era uma relação de confiança.

<p>Década de 90</p> <p>Aluno E:</p> <p>Professor E:</p>	<p>A 90: Tinha entrega de boletins, e a gente ia junto. As profes falavam como a gente era, se a gente estudava, se bagunçava, se conversava muito. Me lembro que era feito dia dos pais, dia das mães, a gente apresentava algumas coisas para os nossos pais.</p> <p>P 90: A escola e família tinham boa relação. Se dava abertura aos pais para trazer questões que não concordavam ou dar sugestões. A família comparecia quando era chamada, para eventos, para festividades; e alguns compareciam ainda, quando sentiam necessidade de conversar com a professora sobre seu filho. As famílias apoiavam e participavam das ações da escola.</p>
<p>Década de 2000</p> <p>Aluno F:</p> <p>Professor F:</p>	<p>A 2000: Minha família sempre foi bem participativa e apoiava os eventos. A escola se comunicava sempre que necessário com meus pais tranquilamente e meus pais do mesmo jeito.</p> <p>P 2000: A escola e família sempre caminharam juntas e unidas.</p>
<p>Década de 2010</p> <p>Aluno G:</p> <p>Professor G:</p>	<p>A 2010: A minha família sempre foi muito participativa, com conversas entre minha família e profe.</p> <p>P 2010: Os pais, em geral, são muito presentes e parceiros da escola, abraçam as propostas.</p>

Fonte: Respostas dos ex-alunos e ex-professores à categoria 6.

Nessa última categoria, os alunos A 50 e B 60 trazem que os pais quase não compareciam à escola, visto que as próprias crianças levavam o boletim para casa. Já, a aluna C 70 traz que os pais buscavam o boletim no final do ano e esse era o único momento em que os mesmos se deslocavam para a escola.

A partir das respostas dos sujeitos E 90, F 2000 e G 2010, ex-alunos e ex-professores, podemos perceber que a relação família e escola já era de outra forma, segundo a professora E 90, *“a família comparecia à escola em eventos e em festividades, alguns compareciam também quando sentiam necessidade de conversar”*.

Nesse sentido, faz-se necessário retomar algumas questões no que se refere à escola e à família tais como: suas estruturas e suas formas de relacionamentos, visto que, a relação entre ambas tem sido destacada como de extrema importância no processo educativo das crianças. (SOUZA, 2009, p.7)

Sabemos que essa interação é fundamental para haver um bom convívio no meio escolar, mas nem sempre é assim. Na realidade em que vivemos, cada vez mais ou pais estão atarefados, sem tempo para nada. Assim, essa preocupação em dialogar com a escola fica de lado, como última opção. Cabe à escola, como um todo, buscar modos diferentes para atingir essas famílias, que muitas vezes se afastam da escola, tornando assim a relação difícil e conturbada.

Na relação escola e família, é fundamental que haja uma parceria, onde acima de tudo, o respeito se sobressaia e ambos possam contar uns com os outros. Assim, “o papel que a escola possui na construção dessa parceria é fundamental, devendo considerar a necessidade da família, levando-as a vivenciar situações que lhes possibilitem se sentirem participantes ativos nessa parceria.” (SOUZA, 2009, p.6)

Além disso, a escola deve ser local seguro, de escuta, onde as famílias possam se sentir à vontade para dialogar, procurando sempre o crescimento e a evolução das crianças. Não devemos pensar em nenhum como “inimigo”, mas sim aliados nessa linda caminhada de aprendizagem. Dessa forma, segundo Souza (2009, p.7), “[...] a interação família e escola é necessária, para que ambas conheçam suas realidades e suas limitações e busquem caminhos que permitam e facilitem o entrosamento entre si, para o sucesso educacional do filho/aluno”.

No próximo subtítulo, trago a última resposta respondida pelos alunos, como também a galeria de fotos dos entrevistados, onde assim passamos conhecer os sujeitos que contribuíram para esse trabalho de pesquisa.

6.2 Memórias e galeria dos entrevistados

A análise da última questão está organizada de uma forma diferente. Elaborei a pergunta final com o intuito de ambos trazerem lembranças do tempo de escola. Assim, trago os momentos que mais marcaram os sujeitos na EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

Também apresento para vocês a galeria de fotos dos ex-alunos e ex-professores, priorizando fotos que os mesmos tenham do ano que ainda estudavam

ou lecionavam. Aqueles que não possuíam, foram trazidas fotos atuais, para que dessa forma possamos conhecer todos os sujeitos que contribuíram para que essa pesquisa fosse possível.

A pergunta respondida pelos entrevistados foi a mesma para todos: Comente algum momento marcante que lembre da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

6.2.1 Ex-alunos da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling

Nesse subtítulo trago as lembranças dos ex-alunos da escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, como também as idades dos sujeitos e os anos que estudaram na escola.

Figura 12 - Edvino Kuhn, 71 anos. Estudou na escola de 1956 a 1960



Na hora do recreio, brigávamos que nem cachorro. Quando a gente tava junto, começava a brigar, e tinha um de Catorze Colônia, logo depois da ponte, ele também estudava aqui. Ele me pegava assim nas pernas e me botou nas costas assim e corria lá dentro.... Risadas

Fonte: Imagem cedida por Luciane Kuhn

Figura 13 - Jorge Koch, 64 anos, estudou na escola 1966 e 1967



Fonte: Imagem cedida por Jorge Koch

Figura 14 - Suzana Dália Koch Zimmer, 54 anos, estudou na escola de 1973 a 1978



Era uma época divertida, suspiro..., mas também um pouco complicada, nos fundos da escola tínhamos uma casinha no meio do mato que brincávamos antes de começar a aula e depois de terminar.

Para tomar água nos ia na vizinha da escola, que tinha um poço, também não tinha banheiro, só tinha uma patente.

Eu fico muito feliz por minha filha estar estudando para ser professora, sempre admirava muito os meus professores e agora tenho uma profe em casa também, tenho muito orgulho também. Tô muito feliz de ter participado dessa entrevista... emocionada ela me dá um abraço.

Fonte: Imagem cedida por Suzana Dália Koch Zimmer

Figura 15 - Gelson Ehrart, 44 anos, estudou na escola de 1983 a 1988



O momento que me mais marcou, foi quando a professora, risadas... A gente não queria deixar as meninas jogar bola com a gente né. A gente não queria deixar as meninas, porque o campinho era pequeno, e a gente era uma turma grande né, até que ficaram enchendo o saco da professora. Ela veio e falou: de hoje em diante elas precisam ajudar a jogar, não tinha o que fazer. Elas vieram e ajudaram. A professora também entrou. No primeiro chute, um colega meu já deu e pegou na professora, daí já tinha terminado. Ela saiu e chamou todas as meninas pra fora e disse: isso não é jogo mesmo de menina, risadas... Saiu e nunca mais mandou as meninas jogarem com a gente. Depois ela resolveu, hora do recreio, naquela época era meia hora, daí ela falou vocês jogam bola quinze minutos e os outros quinze as meninas podem jogar. Dividiu o tempo. Muitas vezes brincávamos de pega-pega também.

Fonte: Imagem cedida por Gelson Ehrart

Figura 16 - Juliana Koch, 34 anos, estudou na escola de 1993 a 1997

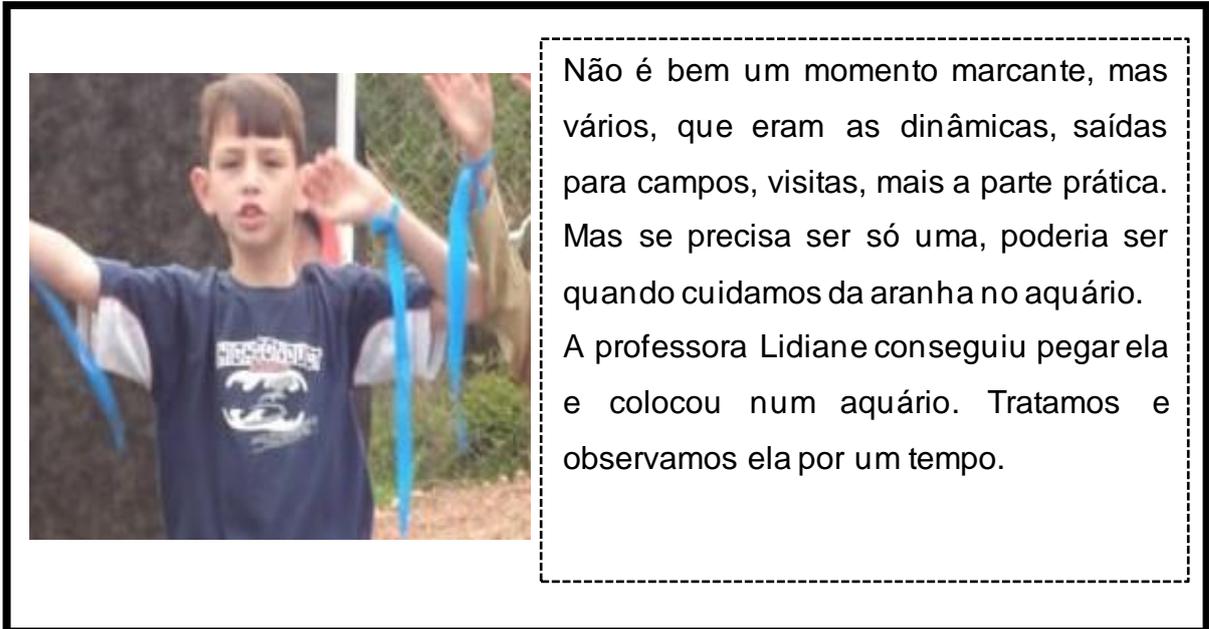


Momentos específicos que a escola me marcou, como vou te dizer, por ser uma escola pequena, as coisas funcionavam de uma forma melhor. Na hora do recreio, não tinha tanta bagunça, tanta correria, pessoal era mais unido, entende? Não eram muitos grupos, tipo por ser menos alunos, eu acredito que brincávamos mais todo mundo junto.

Eu tive muita dificuldade, uma por causa do meu problema de visão, desde pequena, então isso foi uma coisa pra mim muito marcante, porque eu passei a minha vida inteira muita dificuldade, por causa disso. Daí a gente tinha um livro, por duplas para olhar. E uma coisa que naquela época era complicada também, tinha 1ª série, 2ª série juntas, e 3ª também. A profe explicava pra 1ª série, e nós sempre escutava também, e quando ela tipo falava pra nós, os outros também escutavam, atrapalhava nós, porque nós tinha que tentar se concentrar no que a gente tava lendo no livro, mas a professora tava do lado explicando para outra turma, um outro conteúdo. Isso era também porque só tinha duas salas. Não tinha como dar aula da 1ª à 5ª série, mas naquela época era assim.

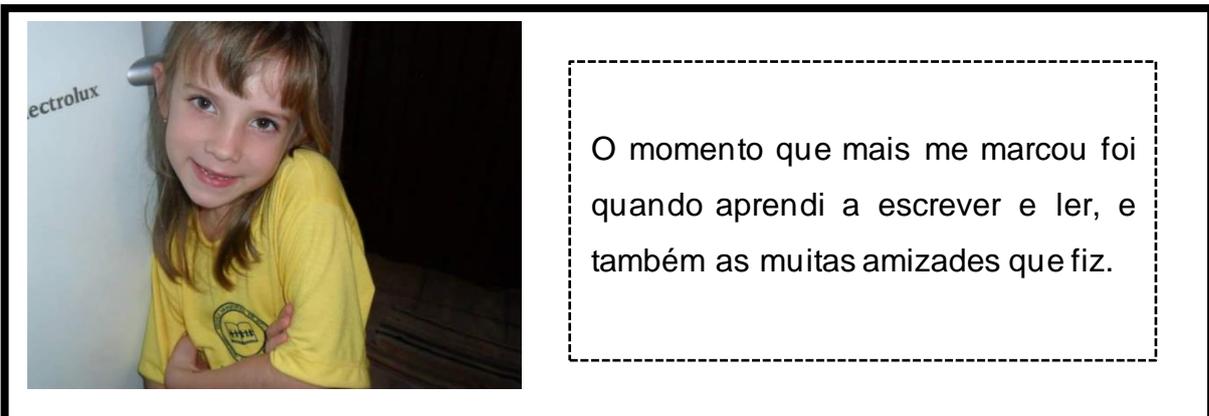
Fonte: Imagem cedida por Juliana Koch

Figura 17 - Ivan César Roos, 21 anos, estudou na escola de 2007 a 2009



Fonte: Imagem cedida por Maristela Henzel Roos

Figura 18 - Nicolý Karling Koch, 13 anos, estudou na escola de 2013 a 2015



Fonte: Imagem cedida por Nicolý Karling Koch

No subtítulo 6.2.2, trago as lembranças de ex-professores da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, como também suas idades e os anos que lecionaram na escola.

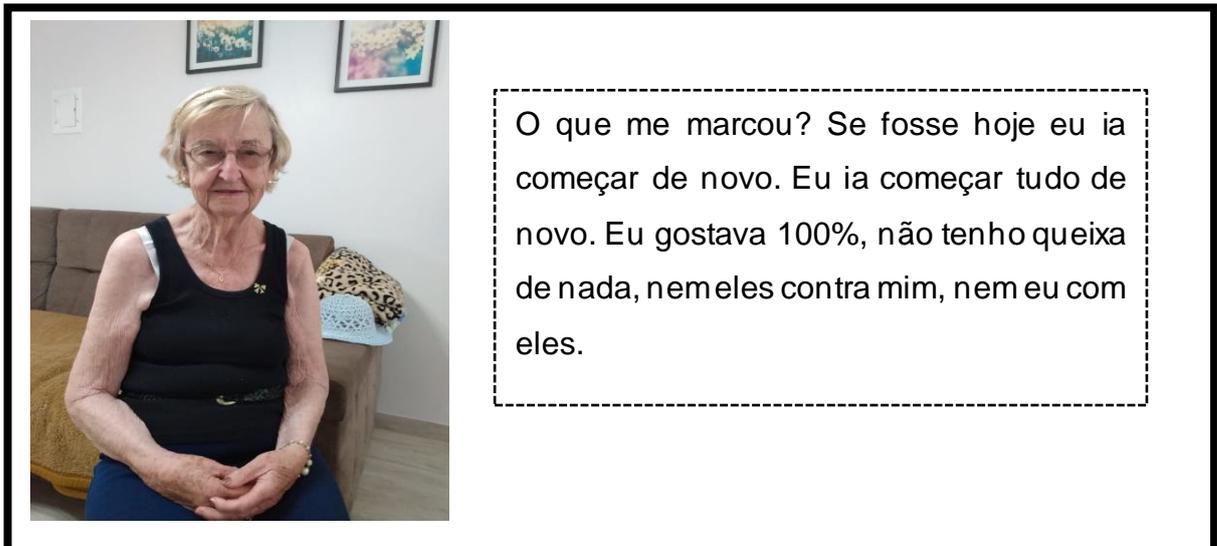
6.2.2 Ex-professores da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling

Figura 19 - Maria Wally Ewerling³⁴. Lecionou de 1952 a 1969



Fonte: Imagem cedida pela Maristela Henzel Roos

Figura 20 - Amanda Eronita Wecker, 84 anos. Lecionou de 1964 a 1970



Fonte: Imagem do meu acervo pessoal

³⁴ Primeira professora da escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, ela já é falecida.

Figura 21 - Ênio da Silva Bueno, 62 anos. Lecionou de 1972 a 1980



Com todas as dificuldades, me sinto realizado, com meus 18 anos de magisterio. Mais tarde entrei na música, tive que abandonar, pois não deu mais para conciliar, porque a música começou a me exigir muito, assim não dava para fazer um trabalho na altura como professor, e no final eu era diretor também, mas diretor/professor, não era aquela diferença de que diretor só era diretor e não entra na sala de aula, eu era dois em um.

Me orgulho de ter passado o que eu tinha de conhecimento na época, de tanta dificuldade. Me orgulho mais ainda quando eu vejo, que agora estou com uma menina aqui em casa que está na 4^o série, que não sabe a tabuada de mais, sem contar nos dedos. Na segunda série, 90% dos meus alunos sabia mais, menos, dividir e vezes, as quatro tabuadas na ponta da língua, na 1^o série, terminavam lendo bem mais legal que na 2^o série de hoje.

Fonte: Imagem cedida pelo Ênio da Silva Bueno

Figura 22 - Noeli Laci Bender Puhl, 69 anos. Lecionou de 1984 a 1994



Eu tenho falta de memória bem acentuada em certos momentos. Então, eu não consigo lembrar, única coisa que eu lembro bem, mas isso não seria bem uma coisa que me marcou, mas me chamou atenção, na hora do intervalo, as crianças pediam para ir pra casa, e eu não deixava ir, depois os pais vieram e me falaram que era porque as crianças eram acostumadas a irem para casa, para fazerem o seu pão com schmia, depois disso comecei a deixar elas irem para casa para fazerem o seu pão com schmia. Não foi bem um fato que me marcou, mas me chamou atenção na época.

Fonte: Imagem cedida pela Noeli Laci Puhl

Figura 23 - Maristela Henzel Roos, 45 anos. Lecionou de 1996 a 2003



Muitos. Sentia-me em casa. Os alunos eram minha família. Seguem alguns:

-Ser nomeada pelo estado, tendo a oportunidade de optar qual escola trabalhar (na do Campestre ou na Estadual de Hortêncio) por ter tirado o primeiro lugar no concurso do estado, para nosso município, para atuar nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

-Trabalhar na escola em que iniciei meus estudos.

-Dar aula para filhos da minha comunidade.

-Encarar autoridades para que a escola não tenha sido fechada ou extinta.

-Nas apresentações de dia dos Pais e Mães, vendo a emoção estampada no rosto dos pais e a felicidade dos filhos apresentando aos pais.

Fonte: Imagem cedida por Maristela Henzel Roos

Figura 24 - Lidiane Fagundes, 44 anos. Leciona de 2004 até o momento presente

	<p>Anualmente tínhamos o galeto, onde todas as famílias se mobilizavam para a realização do mesmo;</p> <p>Mateada – festa em comemoração ao gaúcho em setembro, envolvendo a comunidade;</p> <p>Festa junina, envolvendo a comunidade;</p> <p>Dia das Mães e dia dos Pais;</p> <p>Festa do Natal, com apresentações e comes. e bebes.</p>
---	---

Fonte: Imagem cedida por Lidiane Fagundes

Figura 25 - Michelle Leite, 38 anos. Leciona de 2013 até o momento presente

	<p>Acho que os momentos mais marcantes foram os festejos da escola, com apresentações artísticas, como, por exemplo, as mateadas, as Festas Juninas, Festa de Natal. Nossa, são muitos momentos marcantes ao longo desses anos, até mesmo os projetos que desenvolvemos com os alunos.</p>
---	--

Fonte: Imagem cedida por Michelle Leite

Ao analisarmos as lembranças trazidas pelos sujeitos entrevistados, podemos ver que eles trazem situações que para eles foram significativas, cada momento relatado pelos sujeitos traz em suas falas instantes vividos por eles. Até porque ninguém melhor para falar da escola do que eles, os autores dessa história de quase setenta anos. Assim,

A memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e lembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo parte de processos de interação de cada indivíduo com seu meio. (LARA, 2016, p.1)

As memórias trazidas se relacionam com as de outras pessoas, constituintes da comunidade, assim ambas passam a fazer parte da história da comunidade e da escola, formando tanto memórias individuais, como coletivas. Dessa forma, posso ter uma memória na qual uma ou mais pessoas compartilhem também. Desse jeito, cada um tem uma forma diferente de significar e de se lembrar do fato, onde segundo Lara (2016, p.3),

Estudar os elementos que constroem e constituem a memória se faz deveras importante, pois a mesma está intrinsecamente ligada ao processo de construção da identidade, seja ela individual ou coletiva. A partir de tais aspectos podem-se reconhecer os acontecimentos passados e ainda conservar as informações que nos são relevantes à preservação, rememoração.

Como realizei as entrevistas presenciais com alguns sujeitos, pude ver muita satisfação e orgulho nas falas que eles traziam. Os olhos brilhavam todas as vezes que traziam histórias significativas. Além de resgatar a história da escola, poder contribuir para um trabalho acadêmico, encantava aos entrevistados, assim todos prontamente aceitaram o meu convite. O carinho sentido entre as relações desenvolvidas na época era nítido, onde também falavam sobre as dificuldades passadas no tempo de escola e os caminhos percorridos para chegar à instituição.

Assim, cada sujeito é particular e único. Dessa forma, tudo o que eles viveram contribuiu para a história e o crescimento da comunidade Estrada Exaltação Campestre e da escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final desse trabalho de pesquisa, posso afirmar que me sinto muito feliz com o resultado obtido, pude analisar e perceber a importância da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling nas trajetórias dos sujeitos entrevistados e agora também na minha vida. Escolhi falar sobre essa escola que possuo muita admiração, pois foi nela que realizei os meus estágios obrigatórios dos Anos Iniciais, sendo esse para mim um momento de muitos aprendizados e realizações.

A cada capítulo escrito, minha admiração pela escola crescia. Cada subtítulo, cada frase me fez perceber o quão importante uma escola pode ser para uma comunidade e o quanto ela pode mudar a vida das pessoas que estão inseridas nela.

Tenho consciência total que esse trabalho é apenas uma parte da história da escola, pois trago somente alguns sujeitos para falar sobre ela, sabendo que seria impossível trazer todos os personagens dessa rica e longa história. Assim também, esse trabalho não se encerra por aqui, visto que os sujeitos das décadas que virão, contribuirão para a história futura da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

Acredito que o resultado tenha sido satisfatório, pois analisando as entrevistas, podemos ver as diferenças, ou, em algumas vezes, semelhanças, trazidas pelos ex-alunos e ex-professores nas categorias escolhidas para fundamentar a concepção de uma escola de campo. A partir dessas diferenças e semelhanças, podemos pensar e problematizar as falas trazidas pelos sujeitos, respeitando sempre o ponto de vista e as trajetórias percorridas por eles.

Como esse trabalho de pesquisa foi escrito em meio a uma pandemia, muitas ideias, previstas lá no começo do ano de 2020, tiveram que ser alteradas, para assim dar continuidade a minha proposta planejada. As entrevistas foram realizadas pessoalmente com os ex-alunos, como também através de um questionário com os ex-professores. Em algumas situações, foi acordado de outra forma, sempre respeitando os pedidos dos entrevistados. Os sujeitos foram escolhidos pelas décadas de pesquisa, tentando assim compreender um pouco de como funcionava a escola naquelas décadas.

Destacando as falas trazidas pelos sujeitos, podemos perceber que eles reconhecem a importância da escola na comunidade, sabendo que ela contribuiu para a formação de identidade de cada um deles. Na primeira categoria, as respostas foram bem ao contrário do que eu acreditava, pois cinco dos sete ex-alunos trouxeram que

não conheciam o motivo da escola ter sido criada, sendo isso algo surpreendente, levando em conta que ambos são moradores da comunidade.

No decorrer das entrevistas, podemos perceber que o cuidado e a necessidade em trabalhar com assuntos do cotidiano dos educandos começaram a ganhar mais força a partir das últimas décadas, sendo assim, antes disso o ensino era muito focado em disciplinas e exercícios.

Sendo ela uma escola de difícil acesso, em décadas passadas, os sujeitos possuíam bastante dificuldade para se deslocar até a escola, pois mesmo ela estando situada na comunidade, as crianças e professores precisavam ir a pé, em estradas de chão batido. Assim, em dias de chuva, o problema era agravado. A partir da década de 2000, as crianças já se deslocavam com transportes escolares, facilitando muito o acesso à EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

Percebemos pelas falas dos entrevistados, que a relação da escola com a comunidade sempre foi muito boa. Sendo assim, a escola disponibiliza o prédio para a comunidade, onde escola e comunidade contam uma com outra, envolvendo, dessa forma, assuntos que são importantes para as pessoas que moram nessa localidade. Também são chamadas pessoas da própria comunidade para falar sobre assuntos da mesma, sendo essa uma ótima maneira para inserir esses sujeitos na escola.

Os entrevistados ainda trazem que a relação entre professores e alunos, até a década de 70, era respaldada por muito respeito dos alunos para os professores. Quando isso não acontecia, eram aplicados castigos, como se ajoelhar em frente ao quadro. Na década de 80, os castigos passaram a ficar de lado, mas o respeito ainda se sobressaía nas relações, principalmente dos alunos para os professores. A partir da década de 90 até os dias atuais, podemos entender pelas falas trazidas que as relações passaram a ser de respeito, carinho, afeto, de ambas as partes.

Na última categoria, percebemos que a relação família e escola começa a ganhar forças, a partir da década de 90, se estendendo até os dias atuais. Antes a família ia pouco para a escola, às vezes, comparecia somente para pegar o boletim, vez ou outra. Desde da década de 90, essa relação ganhou outros olhos, sendo ela fundamental para haver um melhor aprendizado, onde família e escola começam a ser parceiras nessa caminhada.

Com tudo o que vimos no decorrer das entrevistas, entendemos que as relações, os vínculos e aproximações começaram a se fortalecer a partir da década de 90. Muitas respostas trazidas a partir daquela época nos fazem enxergar que a

escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling cumpre e contempla a denominação de Escola de Campo, respeitando assim as principais características encontradas em uma escola denominada do campo. Quero deixar claro que não estou aqui escrevendo que antes da década de 90 a escola não era de campo, mas sim que ela não cumpria o que uma Escola de Campo defende. Dessa forma, a partir do que trago, respondo a minha pergunta inicial do trabalho de pesquisa, que era “avaliar e compreender se a escola conhecida como “Escola de Campo” realmente cumpre com o seu papel, sua denominação”.

Para encerrar quero dizer que iniciei essa graduação acreditando na Educação, acreditando que a partir dela tudo pode ser possível. Agora, após o fim desse trabalho e por consequência da minha graduação, posso afirmar que é somente o começo de uma linda jornada na qual quero continuar seguindo, buscando sempre dar o melhor de mim, contribuindo assim para a educação, fundamental para construirmos um mundo melhor. Sabendo que nós, professores, devemos estar em constantes aprendizados, para que possamos evoluir cada dia mais, tentando assim sempre sermos a nossa melhor versão, para nós, para as crianças e para a comunidade na qual estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Z. F. *et al.* Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária. **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 279-291, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n37/a16n37.pdf>. Acesso em: 08 set. 2020,

BIKLEN, Sari, Knopp; BOGDAN, Robert, C. **Investigação qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1991. Disponível em: https://www.academia.edu/6674293/Bogdan_Biklen_investigacao_qualitativa_em_educacao. Acesso em: 25 jun. 2020.

BÖHMANN, Patrícia, Angélica. **Realidades das escolas do campo: um olhar crítico sobre espaços físicos, descasos, construção de políticas públicas e Proposta Pedagógica**. 2015. 58f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, Ijuí, 2015. Disponível em: https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/3624/Patricia_a%20Bonmann%20TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 02 set. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 02 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº. 9. 394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 02 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB Nº 36/2001**. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF: MEC/CNE, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 3, de 28 de março de 2007**. Cria o Programa Caminho da Escola e estabelece as diretrizes e orientações para que os municípios e estados possam buscar financiamento junto ao Banco de Desenvolvimento Social e Econômico - BNDES para aquisição de ônibus, mini-ônibus, microônibus e embarcações enquadrados no Programa, no âmbito da Educação Básica. Brasília, DF, [2007]. Disponível em: http://www.lex.com.br/doc_1114228_RESOLUCAO_N_3_DE_28_DE_MARCO_DE_2007.aspx.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pronacampo**. Brasília, DF: MEC, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/18720-pronacampo>. Acesso em: 19 set. 2020.

BRASIL. Coordenação Geral de Políticas de Educação do Campo. **Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO)**: documento orientador. Brasília, DF: MEC, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13214-documento-orientador-do-pronacampo-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 06 jul. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº: 5/2020, de 28 abril de 2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em: https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Parecer-CNE-CP_5_2020-1.pdf-HOMOLOGADO.pdf. Acesso em: 06 jul. 2020.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tes/v7n1/03.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

DALPIAZ, Saionara Goulart. **Memórias de ex-alunos/as**: recompondo tempos e espaços da educação. 2005. 325f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7025>. Acesso em: 20 out. 2020.

DICIO Dicionário Online de Português. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2020.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FAERMAM, Lindamar, Alves. A pesquisa participante: suas contribuições no âmbito das ciências sociais. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, SP, v. 7, n. 1, p. 41-56, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/121/69>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FLORES, Andréia Maria Klein. **Memória e identidade da comunidade do Passo da Taquara**: tudo passa pela escola. São Leopoldo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Pedagogia_do_oprimido.html?id=SL3NAgAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 11 ago. 2020.

HUNSRÜCKISCH. *In*: WIKIPÉDIA. **Hunsrückisch**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hunsr%C3%BCckisch#:~:text=O%20Hunsr%C3%BCckisch%20%C3%A9%20um%20dialeto,possui%20forte%20influ%C3%Aancia%20do%20portugu%C3%AAs>. Acesso em: 09 nov. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Reforma agrária**. Brasília, DF, [2014]. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/pt/reforma-agraria.html>. Acesso em: 18 set. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Panorama da Educação do Campo**. Brasília, DF: Inep, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaodocampo/panorama.pdf>. Acesso em: 07 de out.2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamento de metodologias científicas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 29 set. 2020.

LARA, Camila de Brito Quadros. A importância da memória para a construção da identidade: o caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 13., 2016, Coxim, MS. **Anais [...]**. Coxim, 2016. Disponível em: https://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477593926_ARQUIVO_AIMPORTANCIADAMEMORIAPARAACONSTRUCAODAIIDENTIDADE.pdf. Acesso em: 31 out. 2020.

LENARTOVICZ, Lucas Emanuel. Políticas públicas da Educação do campo: Contribuições e dilemas. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13., 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24714_12070.pdf. Acesso em: 18 de set.2020.

MATOS, Cleide C.; ROCHA, Genylton O. R. O currículo da Educação do Campo no contexto das legislações nacionais. **RBEC**, Tocantinópolis, v. 5, e4582, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/4582/16300> . Acesso em: 07 out. 2020.

MONTERO, Maria Aparecida A. S.; MONTERO, Maria Fernanda A. G. O resgate da memória como metodologia para a produção textual num curso de ciências contábeis. *In*: ENDIPE, 18., 2016. **Anais [...]** 2016. Disponível em: https://www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233_9917_36295.pdf. Acesso em: 05 abr. 2020.

PANHO, Leila Maria. Educação do campo: algumas reflexões a partir do olhar geográfico. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, v. 15, n. 101, 2017. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/educacao_do_campo- algumas_consideracoes_a_partir_do_olhar_geografico.pdf. Acesso em: 4 jun. de 2020.

PICANÇO, Ana Luísa Bibe. **A relação entre escola e família: as suas implicações no processo de aprendizagem**. 2012. 152f. Relatório (Mestrado em Supervisão Pedagógico) – Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Conselho Estadual de Educação. **Parecer nº 02/2018**. Define as Diretrizes Curriculares para a oferta da Educação do Campo no Sistema Estadual de Ensino. Porto Alegre, [2018]. Disponível em: https://files.comunidades.net/profemarli/parecer_002.pdf. Acesso em: 12 ago. 2020.

SANTOS, Marilene. Educação do Campo no Plano Nacional de Educação: tensões entre a garantia e a negação do direito à educação. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 98, p. 185-212, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v26n98/1809-4465-ensaio-26-98-0185.pdf>. Acesso em: 8 maio 2020.

SANTOS, Patrícia; VINHA, Janaina Francisca S. C. Educação do/no campo: uma reflexão da trajetória da educação brasileira. *In*: SIMPÓSIO SOBRE REFORMA AGRÁRIA E QUESTÕES RURAIS, 8., 2018. **Anais [...]** 2018. Disponível em: https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2018/10/12_Patricia_Santos.pdf. Acesso em: 04 jun. 2020.

SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO. *In*: WIKIPÉDIA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jos%C3%A9_do_Hort%C3%A7%C3%A2ncio. Acesso em: 11 jun. 2020.

SOUZA, Maria Ester do Prado. **Família/ Escola**: a importância dessa relação no desempenho escolar. 2009. Artigo - Programa de Desenvolvimento Educacional – Paraná, Santo Antônio da Platina, PR, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

VIEIRO, Janice; MEDEIROS Liziany Müller. **Princípios e concepções da educação do campo**. Santa Maria, RS: UFSM, 2018. [E-book]. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/06/Principio-e-concep%C3%A7%C3%B5es-da-educa%C3%A7%C3%A3o-no-campo-final-1.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2020.

WIKIPÉDIA. *In*: WIKIPÉDIA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 04 jun. 2020.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM OS EX ALUNOS DA EMEF LEOPOLDO GUILHEME EWERLING

Cronograma da Entrevista/Aluno:

Perguntas elaboradas para colaborar com o trabalho de conclusão, denominado “Um olhar para a escola de Campo: EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

Dados de identificação do(a) entrevistado(a):

Nome:

Idade:

Ano(s) que estudou na escola:

Quem eram os seus professores?

Questões a serem respondidas pelo(a) entrevistado(a):

A escola surge como uma necessidade para a comunidade:

- Você sabe como e por quê a escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling surgiu?

Educação diferenciada que vá ao encontro das necessidades e da realidade dos educandos:

- Como eram as aulas? O aprendizado foi marcante na sua vida?
- Os assuntos tratados em aula vinham ao encontro da sua realidade em casa?

A escola deve ser de fácil acesso para os educandos:

- Era fácil chegar até a EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling?
- Como você se deslocava até a escola?

Escola engajada com assuntos da comunidade:

- Como se dava a relação da escola com a comunidade?

Relação Professor e Aluno:

- Como acontecia a relação professor e aluno?

Relação Família e Escola:

- Como acontecia a relação da família com a escola?

Comente algum momento marcante que lembre da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

Desde já, agradeço a disponibilidade!

**APÊNDICE B – ENTREVISTA COM OS EX PROFESSORES DA EMEF
LEOPOLDO GUILHERME EWERLING**

Cronograma do Questionário/Professor(a):

Perguntas elaboradas para colaborar com o trabalho de conclusão, denominado “Um olhar para a escola de Campo: EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

Dados de identificação do(a) entrevistado(a):

Nome:

Idade:

Formação:

Ano(s) que atuou na escola:

Turma(s) que lecionou:

Questões a serem respondidas pelo(a) entrevistado(a):

A escola surge como uma necessidade para a comunidade:

- Você sabe como e por quê a escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling surgiu?

Educação diferenciada que vá ao encontro das necessidades e da realidade dos educandos:

- Qual didática utilizava para a aprendizagem dos alunos? Acredita que ela funcionava para o aprendizado de ambos?
- O aprendizado se encontrava com as necessidades e realidades dos educandos? Por que?
- Qual era o modo de avaliação que utilizava para avaliar o aprendizado dos alunos?

A escola deve ser de fácil acesso para os educandos:

- Era fácil chegar até a EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling?
- Como você se deslocava até a escola?

Escola engajada com assuntos da comunidade:

- Como se dava a relação da escola com a comunidade?

Relação Professor e Aluno:

- Como acontecia a relação professor e aluno?

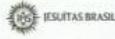
Relação Família e Escola:

- Como acontecia a relação da família com a escola?

Comente algum momento marcante que lembre da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

Desde já, agradeço a sua disponibilidade!

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRAFICA



UNISINOS

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 453 de 21/11/1983 – D.O.U de 22/11/1983

Unidade Acadêmica de Graduação

AUTORIZAÇÃO PARA USO E DIVULGAÇÃO DE IMAGEM FOTOGRAFICA DE PESSOA MENOR DE IDADE

Eu, _____ (nome completo), residente no endereço _____, na cidade de _____, Estado _____, sob o RG nº _____ e o CPF nº _____, autorizo, por meio desta o(a) Sr(a). Josiane Zimmer, aluno(a) do curso **Pedagogia - Licenciatura, Noturno** e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, a utilizarem, **GRATUITAMENTE** a imagem fotográfica de meu(minha) filho(a) _____ para inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado _____

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, 24 de outubro de 2020.

Assinatura do Responsável Legal

Assinatura do aluno

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu, Josiane Zimmer, aluna do curso de Pedagogia da UNISINOS, sob orientação da professora Ms. Regina Urmersbach, estou realizando a pesquisa "Um Olhar Para a Escola de Campo: EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling. O estudo tem como objetivo avaliar e compreender se a escola EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling, conhecida como "Escola de Campo", realmente cumpre com o seu papel, sua denominação. Da mesma forma, busco resgatar as memórias da escola situada no município de São José do Hortêncio, RS.

É de grande importância conhecer e compreender o funcionamento da EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling através das décadas, desde sua fundação em 1952, como também conhecer as características que fundamentam uma escola de Campo. Assim também, poder conhecer e reunir memórias e fatos antigos que, para a história do município e da escola, são muito ricas.

A sua participação é voluntária e consiste em preencher um questionário ou participar de uma entrevista que contém questões relativas à "Educação do Campo", como também à EMEF Leopoldo Guilherme Ewerling.

Você poderá desistir de participar deste estudo a qualquer momento. Os dados coletados são confidenciais e somente serão utilizados para os fins desse estudo. A participação na pesquisa não lhe oferece risco algum, sabendo que as respostas trazidas, como também as imagens, servirão apenas para contribuir para meu trabalho de pesquisa.

O termo de consentimento será assinado em duas vias, sendo que uma ficará em posse do participante e a outra com o pesquisador responsável pela pesquisa.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora Josiane Zimmer (51) 998285141.

Assinatura do participante

Local e data

Regina Urmersbach - Orientadora

Josiane Zimmer- Pesquisadora

ANEXO C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Graduação

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO.

Eu, _____,
aluno(a) do Curso de _____
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, matriculado(a) sob o número
_____, **declaro que a Empresa/Instituição**
_____ **objeto de estudo do**
Trabalho de Conclusão de Curso intitulado _____

entregue no semestre _____, **permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.**

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Empresa/Instituição estudada.

() A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

() A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Empresa/Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

Cidade, _____ de _____ de _____.

Assinatura do aluno

Ciência da empresa

Nome do responsável da Empresa/Instituição

Assinatura do Responsável da Empresa/Instituição
Carimbo ou CNPJ